

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

LEANDRO JOSÉ FERREIRA

AVALIAÇÃO DO ACERVO SOBRE AUTISMO NAS BIBLIOTECAS MARISTAS

Porto Alegre

2024

LEANDRO JOSÉ FERREIRA

AVALIAÇÃO DO ACERVO SOBRE AUTISMO NAS BIBLIOTECAS MARISTAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Fabiano Couto Corrêa da Silva.

Porto Alegre

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos André Bulhões Mendes

Vice-Reitora: Profa.^a Dra.^a Patrícia Helena Lucas Pranke

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Diretora: Profa.^a Dra.^a Ana Maria de Moura

Vice-diretora: Vera Regina Schmitz

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

Ferreira, Leandro José
Avaliação do acervo sobre autismo em bibliotecas
maristas / Leandro José Ferreira. -- 2023.
72 f.
Orientador: Fabiano Couto Corrêa da Silva.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de
Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Autismo. 2. Inclusão escolar. 3. Atendimento
especializado. 4. Biblioteca escolar. 5. Avaliação de
acervo. I. Silva, Fabiano Couto Corrêa da, orient.
II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FABICO – UFRGS

Rua Ramiro Barcelos, 2705, Prédio 22201 CEP: 90035-007 Porto Alegre – RS

Telefone: (51) 3308-5067

E-mail: cicomfabico@ufrgs.br

LEANDRO JOSÉ FERREIRA

AVALIAÇÃO DO ACERVO SOBRE AUTISMO NAS BIBLIOTECAS MARISTAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Avaliada em: Porto Alegre, 07 de fevereiro de 2024.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Fabiano Couto Corrêa da Silva – Orientador

FABICO - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação - UFRGS

Profa. Dra. Priscila Sena - Examinador 1

FABICO - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação - UFRGS

Doutorando Rafael Antunes dos Santos - Examinador 2

PPGIE - Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação - UFRGS

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus. Agradeço ao meu orientador, Professor Doutor Fabiano Couto Corrêa da Silva pelo apoio e confiança recebidos por todo o período de confecção do trabalho.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo principal identificar o acervo sobre autismo nas bibliotecas da Rede Marista de Ensino. A pesquisa foi realizada na Base de Dados Pergamum, abrangendo escolas regulares e sociais em Porto Alegre, região metropolitana, interior do Rio Grande do Sul e outros estados. A metodologia adotada consistiu em uma pesquisa direta na base de dados online, com a transcrição dos resultados para tabelas customizadas, facilitando a análise e interpretação dos dados. Os indicadores utilizados incluíram tamanho bruto do acervo, volumes adicionados por ano, verificação de listas, catálogos e bibliografias. Os resultados indicaram uma variação significativa no número de materiais sobre autismo entre as unidades da rede, com uma concentração maior de recursos em escolas de áreas mais abastadas. Foi observado também que, apesar de um aumento gradual no número de publicações sobre o tema ao longo dos anos, ainda existem lacunas significativas, especialmente em relação à atualidade e diversidade do material disponível. A pesquisa revelou que o acervo, embora tenha crescido em quantidade, necessita de uma atualização e expansão mais sistemática para atender às necessidades informativas e educacionais de indivíduos com autismo. Conclui-se que as bibliotecas Maristas possuem um acervo relevante sobre autismo, mas ainda há espaço para melhorias significativas, especialmente no que tange à atualização e diversificação dos materiais. Recomenda-se uma revisão periódica do acervo, com foco na inclusão de materiais mais recentes e abrangentes, além de uma maior atenção às necessidades das escolas sociais e unidades localizadas em regiões menos privilegiadas.

Palavras-chave: Autismo. Inclusão escolar. Atendimento especializado. Biblioteca escolar. Avaliação de coleções.

ABSTRACT

The main objective of this study is to evaluate the collection on autism in the libraries of the Marist Education Network. The research was carried out on the Pergamum database, covering regular and social schools in Porto Alegre, the metropolitan region, the interior of Rio Grande do Sul and other states. The methodology adopted consisted of a direct search of the online database, with the transcription of the results into customized tables, facilitating the analysis and interpretation of the data. The indicators used included gross collection size, volumes added per year, subject balance and checking lists, catalogs and bibliographies. The results indicated a significant variation in the number of materials on autism between the network's units, with a greater concentration of resources in schools in more affluent areas. It was also observed that, despite a gradual increase in the number of publications on the subject over the years, there are still significant gaps, especially in relation to the timeliness and diversity of the material available. The research revealed that the collection, although it has grown in quantity, needs to be updated and expanded more systematically in order to meet the informational and educational needs of individuals with autism. It is concluded that the Marist libraries have a relevant collection on autism, but there is still room for significant improvement, especially in terms of updating and diversifying the materials. A periodic review of the collection is recommended, with a focus on the inclusion of more recent and comprehensive materials, as well as greater attention to the needs of social schools and units located in less privileged regions.

Keywords: Autism. School inclusion. Specialized service. School library. Collection valuation.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Volumes entrados nos últimos 5 anos	47
Tabela 2	Volumes entrados pelos 5 anos anteriores a 2021	48
Tabela 3	Volumes entrados pelos 5 anos anteriores a 2015	48
Tabela 4	Volumes entrados pelos 5 anos anteriores a 2009	49
Tabela 5	Volumes entrados pelos 5 anos anteriores a 2003	49
Tabela 6	Bibliografias	52
Tabela 7	Mapeamento por unidades de informação - Porto Alegre	53
Tabela 8	Mapeamento por unidades de informação - Interior do RS	54
Tabela 9	Mapeamento por unidades de informação de outras unidades da Federação	55

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ALA	American Library Association
ANCIB	Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
APA	American Psychiatric Association
DSM-V	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, Quinta Edição
FABICO	Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
PNEEPEI	Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva
TEA	Transtorno do Espectro Autista
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	PROBLEMATIZAÇÃO	14
1.2	OBJETIVOS	14
1.2.1	Objetivo geral	15
1.2.2	Objetivos específicos	15
1.3	JUSTIFICATIVA	17
2	METODOLOGIA	19
2.1	TIPO DE ESTUDO	19
2.2	CORPUS DO ESTUDO	19
2.3	INSTRUMENTO DE COLETA DOS DADOS E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA	20
2.4	PLANO DE ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS DADOS	20
2.5	LIMITAÇÕES DO ESTUDO	21
3	REVISÃO DE LITERATURA	22
3.1	TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA – TEA	25
3.1.1	O autismo na história	25
3.1.2	A família da criança com TEA	28
3.1.3	Inclusão de alunos com TEA e educação	30
3.1.4	Questão escolar do estudante com TEA	33
3.2	AVALIAÇÃO DE COLEÇÕES	37
3.2.1	Metodologias para avaliação de coleções	41
3.1.1.1	<i>Metodologias qualitativas</i>	44
3.1.1.2	<i>Metodologias quantitativas</i>	44
3.2.2	Periodicidade da avaliação	46
4	ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS	48
4.1	TAMANHO BRUTO	49

4.2	VOLUMES ENTRADOS POR ANO	49
4.3	VERIFICAÇÃO DE LISTAS, CATÁLOGOS E BIBLIOGRAFIAS	52
4.4	PERIÓDICOS	54
4.5	FILMES, VÍDEOS E DVD'S	54
4.6	MAPEAMENTO GEOGRÁFICO DAS ESCOLAS MARISTAS	54
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
	REFERÊNCIAS	58
	ANEXO A - ITENS RECUPERADOS NA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	64

1 INTRODUÇÃO

A inclusão de indivíduos com Transtorno de Espectro Autista (TEA) na sociedade é uma questão de direitos humanos e justiça social. As bibliotecas, como espaços de aprendizagem e disseminação de conhecimento, desempenham um papel muito importante nesse processo de inclusão (Campelo *et al.*, 2019).

A inclusão de pessoas com TEA em ambientes educacionais e sociais tem sido objeto de extensa pesquisa e discussão. A literatura acadêmica aborda a importância da compreensão do autismo, da promoção de ambientes inclusivos e do fornecimento de suporte adequado para indivíduos com TEA. Além disso, a formação de professores e profissionais que trabalham com pessoas com autismo é fundamental para garantir a efetiva inclusão e apoio a esses indivíduos. Dessa forma, Santos (2008, p. 9) faz comentário acerca da dificuldade dos profissionais em relação à aprendizagem e ao uso de informação pelos alunos autistas:

A escola recebe uma criança com dificuldades em se relacionar, seguir regras sociais e se adaptar ao novo ambiente. Esse comportamento é logo confundido com falta de educação e limite. E por falta de conhecimento, alguns profissionais da educação não sabem reconhecer e identificar as características de um autista, principalmente os de alto funcionamento, com grau baixo de comprometimento. Os profissionais da educação não são preparados para lidar com crianças autistas e a escassez de bibliografias apropriadas dificulta o acesso à informação na área (Santos, 2008, p. 9).

Ainda, segundo Ropoli *et al.* (2010, p. 90):

Para haver inclusão é necessário que haja aprendizagem, e isso traz a necessidade de rever os nossos conceitos sobre currículo. Este não pode resumir as experiências acadêmicas, mas se ampliar para todas as experiências que favoreçam o desenvolvimento dos alunos normais ou especiais. Sendo assim as atividades de vida diária podem se constituir em currículo e em alguns casos, talvez seja os conteúdos que serão ensinados (Ropoli *et al.*, 2010, p. 90).

No contexto das bibliotecas, a presença de materiais adequados sobre autismo é essencial para informar a comunidade sobre o transtorno e fornecer recursos para pessoas com TEA, suas famílias e profissionais que atuam nessa área. A qualidade, atualidade e relevância desses materiais são fundamentais para garantir que o conhecimento disponível reflita as pesquisas e compreensões mais

recentes sobre o autismo. Destarte, para cumprimento das políticas públicas educacionais especiais, exige do entendimento sobre o que de fato é a inclusão, como deve-se incluir e em que tempo a exclusão prevalece ao se almejar uma inclusão de que se desconhece profundamente, pois o ato de inserir não é a inclusão que almeja-se atingir e aprimorar.

São imprescindíveis a produção e a socialização permanente de publicações e eventos que contemplem a Educação Inclusiva, para construir uma mentalidade inclusiva na educação [...] A Educação Inclusiva requer investimento e atenção social e políticas permanentes, que não fiquem restritos a uma conjuntura política; a construção de uma mentalidade inclusiva será possível se ela for mantida como um projeto da sociedade. (Lima, 2006, p. 142).

A inclusão de pessoas com TEA em bibliotecas e espaços de aprendizagem é um aspecto importante da promoção e inclusão social e educacional, assim sendo, o estudante diagnosticado com autismo ou TEA (Transtorno do Espectro Autista) apresenta uma vasta série de características que atingem desde suas relações sociais até sua linguagem, demandando suporte significativo em seu desenvolvimento de aprendizagem. Dessa forma, a inclusão dos alunos com necessidades pedagógicas especiais na escola regular de ensino tem sido gradativamente realizada em nosso contexto educacional (Oliveira, 2020).

A presença de materiais adequados sobre autismo no acervo de uma biblioteca não apenas informa a comunidade sobre o transtorno, mas também serve como recurso para aqueles que vivem com o TEA e para os profissionais que trabalham com eles (Camargo; Bosa, 2009). No entanto, a mera presença desses materiais não é suficiente. É essencial que o acervo seja atual, relevante e preciso, refletindo as pesquisas e compreensões mais recentes sobre o autismo (Cunha, 2023).

Esta pesquisa busca avaliar o acervo da Rede de Bibliotecas Maristas, em relação ao autismo, considerando não apenas a quantidade de materiais disponíveis, mas também sua qualidade e relevância. O objetivo é identificar lacunas no acervo atual e fornecer recomendações para melhorias futuras. Por meio desta avaliação, espera-se contribuir para a missão contínua da Rede de Bibliotecas

Maristas de promover a inclusão e o entendimento, garantindo que todos os alunos, independentemente de suas necessidades individuais, tenham acesso a recursos educacionais de alta qualidade.

1.1 PROBLEMATIZAÇÃO

Estima-se que, em todo mundo, uma em cada 160 crianças, tem transtorno do espectro autista. Essa estimativa representa um valor médio relatado varia substancialmente entre os estudos. Algumas pesquisas bem controladas têm, no entanto, relatado números que são significativamente mais elevados. A prevalência de TEA em muitos países de baixa e média renda é até agora desconhecida. (OPAS, 2024).

Avaliar o acervo sobre autismo nas bibliotecas da rede de ensino Marista constitui um aspecto importante no contexto educacional, notadamente considerando o crescimento da conscientização sobre o Transtorno do Espectro Autista TEA no Brasil. Esta avaliação, contudo, não se baseia em um compromisso ou obrigação implícita das bibliotecas mas sim na importância de compreender a adequação e a atualidade do acervo em questão.

A questão chave que conduz este estudo é: “O acervo das Bibliotecas Maristas oferece recursos suficientes, atualizados e relevantes para atender às necessidades informativas e educacionais de usuários com TEA e da comunidade em geral?”. Esta questão busca explorar a profundidade e abrangência dos materiais disponíveis, avaliando se eles estão alinhados com as necessidades e interesses tanto dos indivíduos com TEA quanto dos educadores e da comunidade escolar.

1.2 OBJETIVOS

Na presente seção focaremos na avaliação do acervo sobre autismo nas bibliotecas Maristas, considerando a extensão, diversidade e relevância dos materiais disponíveis. Assim, propomos uma análise crítica que visa entender até

que ponto este acervo atende às necessidades informativas e educacionais de seu público.

1.2.1 Objetivo geral

Identificar o acervo sobre autismo da Rede de Bibliotecas Maristas, considerando indicadores de desenvolvimento de coleções como abrangência, relevância e atualidade.

1.2.2 Objetivos específicos

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) representa uma área de crescente interesse e importância na educação e na inclusão social. Bibliotecas escolares desempenham um papel fundamental neste contexto, não apenas como repositórios de informação, mas como espaços de inclusão e aprendizado adaptativo. Este estudo se propõe a explorar a intersecção entre o autismo e as bibliotecas escolares, com foco específico na Rede de Bibliotecas Maristas. Os objetivos principais são tríplexes: primeiro, revisar e aprofundar o entendimento do autismo, com ênfase na sua relação com as bibliotecas escolares e processos de inclusão; segundo, quantificar e analisar a extensão dos materiais relacionados ao autismo disponíveis no acervo dessas bibliotecas; e terceiro, examinar a abrangência, relevância e atualidade deste acervo. Por meio destas investigações, o estudo visa contribuir para uma melhor compreensão de como as bibliotecas escolares podem apoiar efetivamente a educação e inclusão de indivíduos com TEA.

Os objetivos específicos são:

- a) revisar o tema proposto a partir da definição de autismo e a relação deste com a biblioteca escolar e a inclusão: este objetivo envolve aprofundar o entendimento do Transtorno do Espectro Autista (TEA) por meio de uma revisão literária abrangente. O foco será não apenas na definição médica e comportamental do autismo, mas também na maneira como este

transtorno afeta as necessidades educacionais e de inclusão dos indivíduos. A relação do autismo com a biblioteca escolar será examinada sob a ótica de como as bibliotecas podem ser recursos inclusivos para alunos com TEA. Isso inclui avaliar a acessibilidade de materiais, a disposição do espaço físico e a capacitação dos bibliotecários para atender às necessidades específicas desses alunos. O objetivo também inclui entender como as bibliotecas escolares podem contribuir para a inclusão e o apoio educacional de alunos com autismo, promovendo ambientes de aprendizado adaptativos e acolhedores;

- b) determinar o número de itens relacionados ao autismo presentes no acervo da Rede de Bibliotecas Maristas: esta parte da pesquisa visa quantificar os recursos disponíveis sobre o autismo na Rede de Bibliotecas Maristas. Isso inclui contabilizar livros, artigos, materiais audiovisuais e outros recursos didáticos que tratam do autismo. O objetivo é fornecer uma visão geral quantitativa do acervo relacionado ao autismo, ajudando a identificar se a biblioteca atende às necessidades de informação sobre o tema;
- c) examinar a abrangência, em termos de quantidade de materiais, diversidade de conteúdo e de perspectiva; a relevância, em termos de fontes, autoria, clareza e compreensibilidade; e a atualidade do acervo: este objetivo envolve uma análise qualitativa detalhada do acervo relacionado ao autismo. Não apenas contando o número de itens, mas também avaliando a diversidade e a profundidade do conteúdo disponível. Serão consideradas diferentes perspectivas sobre o autismo, garantindo que o acervo oferece uma gama de visões e abordagens. A relevância dos materiais será analisada com base na autoridade das fontes, na experiência dos autores e na precisão das informações fornecidas. A clareza e a compreensibilidade dos materiais também serão consideradas, especialmente importantes para garantir que os recursos sejam acessíveis a um público amplo, incluindo pessoas que não são especialistas no assunto. Finalmente, a atualidade dos materiais será avaliada. No campo do autismo, onde as pesquisas estão sempre

evoluindo, é fundamental que o acervo esteja atualizado com as informações e práticas mais recentes.

1.3 JUSTIFICATIVA

Tem se tornado uma pauta fundamental a busca por uma educação inclusiva nos últimos tempos, pensando na necessidade de assegurar o acesso e a parcela plena de todos os estudantes de todas suas capacidades, insuficiências e características únicas. Nesse cenário, a distinção às necessidades específicas dos alunos com TEA ganha evidência, tendo em vista, a importância de encaixar práticas pedagógicas para estimular um ambiente educacional que contribua o desdobramento pleno destes estudantes atípicos. Isso só se torna possível quando há predisposição de encaixar essas práticas pedagógicas para o ambiente educacional dos profissionais que disponibilizam da sala de recurso na escola, para estimular um ambiente educacional que contribua para o desenvolvimento pleno desses estudantes atípicos (Valle; Maia, 2010).

Nesse cenário, a rede pergamum de escolas maristas regulares de ensino surgem como um parâmetro no contexto educacional, evidenciam-se pelo compromisso com a importância acadêmica e o desenvolvimento pleno dos alunos ao implantar práticas inclusivas, a rede busca propiciar um ambiente receptivo e estimulante para todos os estudantes, proporcionado a diversidade e a igualdade no processo educacional (Colégio Marista São Roque, 2019).

A diversidade é uma realidade no contexto escolar, e a inclusão é fundamental para estimular um ambiente educacional que preencha as necessidades da comunidade escolar. Este conjunto de sintomas pode limitar ou dificultar o funcionamento diário do indivíduo, ocasionando prejuízos de ordem pessoal, social, acadêmica e profissional (APA, 2014). Alunos com TEA possuem características únicas e, entretanto, demandam condutas pedagógicas específicas para assegurar sua participação ativa e aprendizado significativo. O autismo mostra uma ampla variedade de características e graus de comprometimento, podendo este ir de leve, médio e moderado. O TEA pode, ainda, estar associado a outras

comorbidades, normalmente relacionadas à Deficiência Intelectual (APA, 2014), que demandam condutas pedagógicas específicas para assegurar sua participação ativa e aprendizado significativo (Souza; Benitez; Carmo, 2021).

Examinar a acessibilidade pode auxiliar na criação de interfaces tecnológicas para indivíduos com TEA, de modo a dialogar com os achados de Britto e Pizzolato (2018) para proposição das diretrizes de acessibilidade (Souza; Benitez; Carmo, 2021).

Como consequência dos resultados da pesquisa, podem ser apresentados recursos adaptativos, como suportes para distintos dispositivos e tecnologias assistivas, especificamente direcionados às pessoas com TEA para atender as dificuldades, possibilitando a comunicação e o atendimento desses alunos com esse espectro autista que também inclui melhorias na usabilidade (Nascimento; Chagas; Chagas, 2021).

A pesquisa pode trazer insights, sobre lacunas do corpo docente e profissionais de suporte, que foram levantadas, em dados, voltados para a inclusão dos autistas. Desse modo, é fundamental que haja uma abordagem prática na aceitação e no trabalho com os alunos autistas, indo além da teoria, resultando em programas de capacitação mais inclusivos (Oliveira, 2015).

Como consequência dos resultados, a pesquisa pode fornecer informações, que no Brasil por diferentes motivos, as iniciativas governamentais e políticas públicas e institucionais direcionadas às pessoas com diagnóstico de autismo, tem sido tema de amplos debates, tanto no âmbito nacional como internacional (Oliveira *et al.*, 2017).

Meu interesse pelo autismo despertou após uma visita a uma ex-aluna da minha irmã Luciana Ferreira, que se chama Gisele, 9 anos de idade, que apresenta um quadro de TEA, matriculada na rede municipal de Viamão. Depois de uma conversa interativa entre mim, minha irmã e a mãe da menina, Gisele expressava claramente suas opiniões e conclusões lógicas sobre os assuntos abordados. A seguir, a menina passou a demonstrar grande afeto por mim, fato que despertou um grande desejo de conhecer a realidade do TEA, e também de poder contribuir e compartilhar o amor recebido pela menina Gisele.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta seção apresenta as definições acerca do tipo de estudo, das relações sujeito/amostra, das fases da metodologia, dos métodos e instrumentos utilizados, além das restrições inerentes à abrangência do assunto.

2.1 TIPO DE ESTUDO

Este trabalho foi planejado como um estudo do tipo exploratório-descritivo, considerando que o assunto tratado na investigação é pouco estudado no meio acadêmico, especialmente em Ciência da Informação. Tem uma natureza quali-quantitativa, valendo-se de métodos da análise documental e a pesquisa bibliográfica. A pesquisa exploratória permitiu um entendimento preliminar sobre o estado atual do acervo, enquanto a abordagem descritiva possibilitou uma análise mais profunda dos dados coletados.

2.2 CORPUS DO ESTUDO

O Corpus da investigação é constituído pela coleção do acervo catalogado na Base de Dados Pergamum da Rede Marista de Ensino, sendo mais especificamente feita a coleta de dados quantitativos e qualitativos com foco na coleção e no autismo e aplicação dos indicadores que são Compilações de estatísticas como: tamanho bruto da coleção e Volumes entrados por ano. Verificação de listas, catálogos e bibliografias como: periódicos, audiovisuais e mapeamento geográfico das escolas maristas.

- a) Compilação de estatísticas: análise do tamanho da coleção, volumes adicionados anualmente;
- b) Análise de documentos: inclui a verificação de listas, catálogos e Bibliografias (como periódicos e materiais audiovisuais);

- c) Mapeamento geográfico das escolas maristas: identificação geográfica das escolas maristas para contextualizar a coleção.

2.3 INSTRUMENTO DE COLETA DOS DADOS E PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

A captura de dados para a pesquisa foi efetuada mediante a consulta da Base de Dados Pergamum da Rede Marista de Ensino, após leitura da Política de Desenvolvimento de Coleções do acervo das bibliotecas da Rede Marista sobre o assunto autismo. A metodologia selecionada para construção desta monografia constitui-se dos seguintes passos:

- a) Revisão de literatura: investigação de livros, artigos, vídeos e trabalhos acadêmicos publicados na área;
- b) Coleta das informações: consulta à Base de Dados Pergamum;
- c) Análise documental: avaliação detalhada dos materiais relacionados ao autismo na coleção.

O referencial teórico teve como principais fontes: livros, artigos de periódicos, vídeos, trabalhos acadêmicos publicados na área de desenvolvimento desta monografia. Também foram pesquisadas publicações em anais, sites da internet.

2.4 PLANO DE ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DOS DADOS

Nesta seção, detalhamos como os dados coletados sobre o acervo de autismo nas bibliotecas Maristas foram analisados e como os resultados são apresentados. A análise e apresentação dos dados foram divididas em duas categorias principais: qualitativa e quantitativa.

Análise Qualitativa

- a) **exposição detalhada**: os resultados qualitativos são apresentados em formato de texto narrativo. Esta abordagem permite uma exploração profunda dos temas, ideias e conceitos emergentes da pesquisa;

- b) **interpretação baseada na literatura:** os dados qualitativos são analisados e interpretados à luz da literatura revisada no referencial teórico. Esta análise visa estabelecer conexões entre os achados da pesquisa e os estudos existentes, proporcionando um entendimento mais profundo do acervo sobre autismo nas bibliotecas Maristas;
- c) **relevância e significado:** cada dado qualitativo é avaliado quanto à sua relevância e significado em relação aos objetivos da pesquisa. Isso inclui a discussão sobre como as descobertas se alinham ou divergem das teorias e pesquisas existentes sobre autismo e bibliotecas escolares.

2.5 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

De maneira semelhante a todo trabalho de pesquisa bibliográfica e documental, este se desenvolveu a partir de um recorte da literatura e os resultados não poderão ser generalizados. Representa-se a avaliação de coleções do acervo da Rede de Bibliotecas Maristas limitado à Base de Dados Pergamum.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Em um mundo em constante evolução, onde as barreiras para a aceitação e inclusão estão sendo constantemente desafiadas, a perspectiva contemporânea sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) representa uma onda de mudança significativa. A sociedade está aos poucos migrando da compreensão do autismo como uma "doença" ou "anormalidade" para vê-lo como uma simples variante no amplo espectro da experiência humana. A descrição da inclusão tem desafiado barreiras de ordem epistemológica, ao idealizar de forma geral os distintos profissionais da educação. Veiga-Neto (2001) argumenta que, se julgamos complexo ensinar indivíduos atípicos em um grupo homogêneo, é porque a lógica de classificar por níveis cognitivos, por aptidões, por gênero, por classes sociais, foi um arranjo inventado para, justamente, colocar em ação a norma, através de um crescente e persistente movimento de, separando o normal do anormal, marcar a distinção entre normalidade e anormalidade. Assegura, também, que a ação de inclusão propõe o acesso com o outro para aceitá-lo. Reconhecida a diferença, a repulsão ou o conflito aparentam ser respostas comuns e naturais e, por aparentar simples, parece ser um ato. “[...] ‘puramente’ epistemológico. E mais: ao parecer uma operação puramente epistemológica, de simples reconhecimento ou estranhamento cognitivo, a dicotomia esconde seu compromisso com a relação de poder que estava na sua origem” (Veiga-Neto, 2001, p. 111).

O autismo, em sua essência, abarca uma diversidade de experiências e habilidades. Não é uma condição única ou estática, mas sim um espectro em que cada indivíduo possui características e necessidades distintas. Este reconhecimento do autismo como um espectro é revolucionário, pois permite que educadores, pais e profissionais de saúde vejam cada pessoa com autismo como um indivíduo único, e não apenas como parte de um grupo homogêneo. O periódico "Neurodiversidade: Um Conceito Revolucionário para o Autismo e para a Psiquiatria", escrito pelo destacado pesquisador Simon Baron-Cohen, bastante reconhecido na comunidade acadêmica aplicada ao estudo do autismo investiga a questão de demarcar se o autismo está apropriadamente determinado como um transtorno do espectro autista ou se é mais apropriado adotar o conceito de neurodiversidade (Rodrigues, 2023).

No contexto escolar em especial do Brasil, está em constante construção essa prática, dentre as várias denominações do acompanhante especializado, sobressaindo o papel de mediador e a promoção de autonomia do aluno, relacionadas com colegas, professores, pais, funcionários e comunidade escolar.

Em relação a aceitação e ao atendimento ensino-aprendizagem com autismo, dependem do apoio da família, da escola em relação a seus espaços educacionais, lúdicos e concretos. E com apoio de professores auxiliares, atendimentos especializados, conforme a lei e aliados à saúde (Rocha, 2021).

Em meio a esta revolução de compreensão, as bibliotecas escolares desempenham um papel fundamental. A importância das bibliotecas escolares no campo da inclusão ainda tem sido pouco tratado, além de tudo a atuação dos bibliotecários como um trabalho cooperativo junto ao corpo docente de salas regulares “inclusivas”. Nessa esfera, atividades organizadas e apropriadas, satisfatoriamente, em uma biblioteca escolar podem oferecer um ambiente de lazer, acolhimento e obtenção de conhecimentos múltiplos, desde que haja uma visão inclusiva e políticas públicas voltadas à comunidade escolar (Wellichan; Lino, 2018).

De acordo com Moro e Estabel (2006, p. 120), o bibliotecário desempenha um papel essencial na sociedade, atuando como um elo entre a leitura, a informação e o leitor. Além disso, este profissional é responsável por promover o uso de novas tecnologias e transformar a biblioteca em um ambiente de aprendizado que seja democrático e inclusivo, com uma atenção especial voltada para as pessoas com deficiência.

As bibliotecas escolares contemporâneas são agora equipadas com recursos diversificados, desde livros sensoriais até tecnologias assistivas, que facilitam o aprendizado dos alunos com autismo. Além disso, os bibliotecários são treinados para entender e atender às necessidades específicas destes alunos, transformando a biblioteca em um ambiente acolhedor e seguro.

Uma característica chave da “informação-como-conhecimento” é de que é intangível: não se pode tocá-la ou medi-la, de modo algum. conhecimento, convicção e opinião são atributos individuais, subjetivos e conceituais. Entretanto, para comunicá-los, eles têm que ser expressos, descritos ou representados, de alguma maneira física, como um sinal, texto ou

comunicação. Qualquer expressão, descrição ou representação seria “informação-como-coisa”, (Buckland¹, 1991, p. 352 *apud* Santos; Diniz, 2018, p. 100).

Desse modo, a perspectiva contemporânea sobre o autismo e o papel emergente das bibliotecas escolares como agentes de inclusão representam passos significativos em direção à uma sociedade mais justa e inclusiva. Ao celebrarmos a neurodiversidade e ao fornecermos os recursos adequados para cada aluno, estamos não apenas elevando os indivíduos com autismo, mas também enriquecendo a tapeçaria cultural e intelectual de nossa sociedade. É uma jornada que todos nós, como coletivo, devemos empreender com empatia, compreensão e determinação.

Portanto, na virada do século XXI é fundamental para o processo pedagógico dos autistas que a biblioteca escolar seja inclusiva e estruturada e, que possua profissionais preparados para lidar com os públicos mais diversos, não apenas os indivíduos com autismo, mas com as diferenças da comunidade em geral (Brito, 2022).

A ludicidade, ou seja, atividades que trabalham o imaginário, que estimulam a interação e aprendizado por meio do prazer e criatividade, ajuda o aluno a desenvolver habilidade emocional, cognitiva, social e motriz. As atividades para esse objetivo podem ser contações de histórias, histórias musicadas, oficinas de pinturas, teatros com fantoche, oficinas de artesanatos com materiais diversos, livros sensoriais, áudio livros, dentre outros. Os recursos disponíveis nas bibliotecas, quando valorizados e utilizados adequadamente por seus gestores, podem contribuir diretamente com o processo de educação inclusiva de usuários com TEA. É possível e necessário utilizar a tecnologia em benefício da leitura e a ludicidade para essa inserção no mundo literário (Sampaio; Farias, 2020).

Em relação ao autismo nas bibliotecas, os alunos com TEA só poderão se beneficiar se houver serviços que ofereçam condições favoráveis de acesso nas bibliotecas das Instituições escolares em que estão matriculados esses alunos com com característica de neurodiversidade. O desafio permanente de manter a inclusão

¹ BUCKLAND, Michael Keeble. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science**, v.45, n.5, p. 351-360, 1991.

dos alunos com autismo no sistema regular ou formal de ensino aprendizagem, engloba a preparação do sistema para atender às necessidades específicas de cada usuário com TEA. O profissional da biblioteca deve buscar compreender as suas singularidades e em conjunto com outros profissionais em atuação multidisciplinar promovendo ações para que possibilitem a inclusão e acessibilidade informacional (Sampaio; Farias, 2020).

3.1 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA - TEA

Nesta seção, apresentamos questões acerca do autismo na história, sobre a família da criança, a inclusão de alunos com TEA nas escolas, além da sua questão escolar.

3.1.1 O autismo na história

O Transtorno de Espectro Autista (TEA) através de seu trabalho seminal, "Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo", no qual descreveu um grupo de 11 crianças que apresentavam características que hoje são associadas ao autismo (Salle *et al.*, 2005).

Kanner (1943) foi um dos primeiros a reconhecer o autismo como uma condição distinta. Antes de seu trabalho, as crianças que mostravam características de autismo eram frequentemente diagnosticadas com esquizofrenia ou outros distúrbios psiquiátricos. Suas observações detalhadas incluíram a descrição do comportamento das crianças, que demonstravam dificuldades significativas em se relacionar socialmente com outras pessoas, tendências ao isolamento, atrasos na fala e na linguagem, além de um comportamento repetitivo e uma resistência a mudanças no ambiente ou na rotina.

Kanner (1943) notou que essas crianças tinham, desde muito cedo, uma "incapacidade inata de estabelecer contato usual afetivo com as pessoas", uma característica que ele considerou ser central para o que chamou de "autismo infantil precoce". Além disso, ele observou que muitas dessas crianças tinham habilidades

intelectuais normais ou acima da média em certas áreas, mas apresentavam desafios significativos em outras. Leo Kanner, um psiquiatra austríaco-americano, teve um papel fundamental na história do autismo. Em 1943, ele realizou uma exposição pioneira sobre o Transtorno. O trabalho de Kanner (1943) foi revolucionário porque separou o autismo de outras condições psiquiátricas e estabeleceu-o como um distúrbio do desenvolvimento. Sua descrição do autismo como uma condição única levou a uma maior compreensão e pesquisa sobre o espectro autista, embora suas ideias sobre as causas do autismo – particularmente a noção dos "pais geladeira" – tenham sido posteriormente desacreditadas.

O legado de Kanner na área do autismo é complexo. Por um lado, ele foi pioneiro no reconhecimento e descrição do autismo como um distúrbio distinto, mas, por outro lado, algumas de suas teorias sobre as causas do autismo contribuíram para a estigmatização e equívocos que perduraram por décadas. Com o avanço da pesquisa, o entendimento do autismo continua a evoluir, destacando a natureza multifatorial e o espectro diversificado da condição.

A exposição do autismo por Kanner (1943) foi composta sobre um número de crianças que foram conduzidas após a indicação de debilidade mental ou esquizofrenia. A partir da observação das condutas dessas crianças mediante a compilação de características clínicas particulares, Kanner (1943) sugeriu uma nova síndrome, diferenciando-a das outras síndromes psiquiátricas que existiam até então. O sintoma essencial da descrição de Kanner (1943) apontava para a manifestação que ele determinou como "isolamento autístico". Essa exposição girava em torno do transtorno central, a saber, a incapacidade das crianças em manter "relações normais" com as pessoas e "reagir normalmente" no contexto das situações desde as fases iniciais da existência (Leboyer, 1995, p. 10).

O diagnóstico de Kanner (1943) enfrentou oposições, em especial do psiquiatra Bleuler, o que veio a trazer um tumulto conceitual pelo fato dos psiquiatras passarem a usar inadequadamente os diagnósticos de esquizofrenia infantil, de psicose infantil e de autismo. Para Bleuler, os esquizofrênicos se caracterizavam por uma limitação da vida social, uma imaginação fértil e uma relação entre a esquizofrenia adulta, enquanto para Kanner (1943) o autismo se manifestava como

uma inabilidade de cultivar o relacionamento social combinado com a ausência de imaginação (Leboyer, 1995).

Diante deste cenário clínico, os ciclos seguintes foram: legitimar o conceito de autismo e examinar sua subsistência global e suas particularidades. Categorizar os sintomas: em 1956, a categorização de Kanner (1943) persistia apenas dois sinais, não opinião dele, traços do autismo: a demanda de invariabilidade (Leboyer, 1995).

Algum tempo depois, a começar de estudos desenvolvidos por pesquisadores que foram igualmente de Leo Kanner, organizou-se uma téttrade que constituem a terceira visão do DSM:

- a) uma aptidão de desafiar relações pessoais;
- b) um comprometimento na prática da linguagem;
- c) reações anormais da natureza, especificamente, uma resistência à mudança e estereotípias;
- d) após 30 meses de idade os sinais aparecem (Leboyer, 1995, p. 11).

Até o período de desenvolvimento essa téttrade cresceu com a implantação de descrição das anomalias, destacando desde o aspecto da percepção pelo sensorio-motor, ainda, ampliações voltadas para decodificação do autismo conforme os discursos neurológicos (Leboyer, 1995).

Na condição de amplificar as características e amparar no desempenho de identificação do autismo, entrevistas, que precisam ser preenchidas por pais e filhos diagnosticados conter a, começaram a ser aproveitadas para contribuir no diagnóstico em 1980 estudiosos apresentaram o CARS (Childhood Autism Rating Scale), indicador direcionado pelos critérios descritos, no princípio, por Leo Kanner e demais especialistas.

Em Ortega (2009, p. 4), vemos como se deu a transição da classificação do TEA no DSM-III:

No entanto, é inegável que desde os anos sessenta vem se produzindo um deslocamento para explicações orgânicas, especialmente cerebrais do transtorno, culminando em 1980 com a inclusão do autismo na rubrica de transtornos abrangentes do desenvolvimento, separando-se definitivamente do grupo das psicoses infantis, na terceira edição do DSM (DSM-III)

Diante desse crescimento de critérios para apresentação de um diagnóstico, o DSM - III começou a considerar cinco aspectos para diagnóstico do autismo (Behavior Observation Scale ou BOS) e além disso a escala ERC (Avaliação Resumida de Comportamento), todos preenchidos pelos profissionais da área terapêutica (Leboyer, 1995).

Não concretizamos aqui, apresentar as mudanças e modificações do autismo no DSM - IV e no DSM - V, ainda que não seja nosso propósito fazer um contraste das informações mencionadas em tais documentos, contudo, expor uma história de que maneira o autismo chegou até o DSM e, especialmente, como se definiu os aspectos que o definem hoje. Portanto deduzimos que as informações que alcançamos são suficientes para descrever o TEA.

3.1.2 A família da criança com TEA

Ao refletir sobre a criança diagnosticada com TEA no contexto familiar, é fundamental abranger não só a configuração como diagnóstico que foi esclarecido a família, bem como, a maneira como a base familiar reagiu diante da situação

Segundo Camargo e Londero (2008), o núcleo familiar, diante do momento em que é revelada a gravidez almeja e imagina um bebê saudável sem problemas físicos que não exija cuidados especiais.

Contudo com o nascimento de um filho com necessidades educacionais especiais, para os pais, também, de acumular-se um ônus de luta e adequação terão que adaptar maneiras de cuidados especiais transformando num desafio a prática das funções paternas (Camargo; Londero, 2008)

Algumas características do autismo costumam aparecer após o nascimento da criança: o bebê enquanto está sendo alimentado, não focar o olhar para a mãe; não acontece o contato visual direto com as brincadeiras; bem como trejeitos estereotipados.

Dessa forma, os pais começam a pensar na possibilidade que o filho não esteja no desdobramento esperado pela idade nesse cenário, a maioria das famílias procuram ajuda médica para esclarecer suas dúvidas e preocupações e, de alguma

forma, buscar um diagnóstico para essa conduta atípica do filho (Weissheimer, *et al.*, 2021).

No decorrer da consulta médica, o especialista analisa a criança conforme os padrões no (DSM-V), médica, e além do mais, na consulta médica são efetuadas outras considerações com outros especialistas, como os profissionais de fonoaudiologia e de psicologia.

Após essa análise interdisciplinar, na maioria das vezes, é sempre interessante destacar que o diagnóstico do TEA pode ser efetuado após os 18 meses de idade, conforme expressado pela associação americana de psiquiatria, APA (2014). Portanto, fica evidente que esse diagnóstico quebrará a perspectiva de idealização da família e como ocasionará mudanças relevantes no funcionamento e cotidiano familiar, e que, por consequência, também terá colisão emocional e o psicológico de todos que estão no círculo social da criança (Abreu *et al.*, 2012).

Com base no diagnóstico, o núcleo familiar passa a refletir nas formas de encarar a situação para possibilitar o desenvolvimento da criança com TEA. Portanto, a não interrupção da sintomatologia com o tempo leva a atividade familiar a movimentações que vão desde atributos financeiros até estes relacionados a condição física e social dos cuidadores diretos (Favero; Santos, 2005 apud Abreu *et al.* 2012, p. 135).

Será examinado distintas fases de sua vida, conseqüentemente, a chance de aumento no agravamento da condição física, social motora da criança representa-se em grave estressor para para a família e cuidadores, gerando assim, o atrito das complexidades específicas ao autismo sobre a família. Vai depender de uma importante interação entre a gravidade dos sintomas da criança e o perfil psicológico dos pais" (Favero; Santos, 2005 *apud* Abreu *et al.* 2012, p. 135) e é acrescentado, a capacidade do sistema de saúde e atributos comunitários que o meio fornecerá para o segmento da criança diagnosticada com autismo.

Conforme Andrade e Teodoro (2012), logo após o nascimento de uma criança diagnosticada com autismo, há um peso emocional e físico, instigando o crescimento do fator de estresse e ansiedade no seio familiar e cuidadores da criança com TEA.

Entretanto, é importante destacar que a base familiar será atingida, esses fatores expressam choques negativos inclusive em outros contextos da vida, tais como:

- a) subsistema conjugal (relação entre pais e cuidadores);
- b) subsistema parental (relação entre os pais e os filhos e cuidadores);
- c) subsistema fraterno (relação entre os irmãos).

Perante o exposto sobre a negação dos diagnósticos em virtude à decepção da expectativa da base familiar, além dos métodos médicos e científicos, os pais se debruçam em outras maneiras que permitem tratar e aceitar a condição drástica, a forma de confrontação, tornando-se potente ou indolente, terá imenso impacto para desenvoltura da criança, visto que é, o artigo mostra que a família que transpõe a situação efetivamente tem um menor grau de estresse e grande coesão familiar. (Andrade; Teodoro, 2012).

3.1.3 Inclusão de alunos com TEA e educação

O TEA tem particularidades que possibilitam a sua definição e diagnóstico. No decorrer do tempo, as características do transtorno tem motivado pesquisadores na elaboração de uma literatura científica que permita uma melhor cognição sobre o assunto (Klin, 2006; Fadda; Cury, 2016; Almeida; Albuquerque, 2017). As investigações produzidas encontram-se como consideradas referencial para parentes e profissionais de inúmeras áreas no acolhimento dos indivíduos diagnosticados com TEA.

O manual de diagnóstico e estatístico de transtornos mentais, o DSM-V (APA, 2014) designa o TEA como um transtorno que compromete o neurodesenvolvimento infantil. Esse transtorno se manifesta na fase inicial de desenvolvimento infantil, mesmo antes da criança frequentar a escola, apresentando como característica comprometimentos no desenvolvimento que evidenciam danos no funcionamento individual, social, escolar ou profissional (APA, 2014). O TEA descreve como fundamentais aspectos, a ocorrência de déficits permanentes na comunicação social, déficits permanentes na interação social em diversos contextos e na expressão de padrões restritivos e repetitivos.

O exercício de inclusão na escola de crianças com espectro autista adquiriu importância nos estudos acadêmicos e científicos nacionais, principalmente após a publicação da lei número 12.764/12 (Brasil, 2012), que abrangeu os indivíduos diagnosticados com TEA os direitos garantidos aos indivíduos com deficiência, entre outros o direito ao ingresso à educação na rede regulagens de ensino. O exame das obras sobre a inclusão na escola de crianças com espectro autista revela que as pesquisas realizadas sobre este assunto buscam produzir um parecer abrangente e sistemático das demandas encontradas por alunos e profissionais na educação tanto no ingresso como na execução das políticas públicas em benefício desses estudantes.

Em meio aos aspectos relevantes à inclusão na escola de crianças com espectro autista, o corpo docente reforça como elemento essencial do processo de escolarização desses alunos com TEA, assim como de outros grupos estudantis PAAE, pois, em diversas instituições pesa sobre os seus profissionais a seriedade de fortalecer e implementar as ações que possibilitam a ruptura de obstáculos metodológicos e curriculares.

O ingresso do estudante com espectro autista na rede regular de ensino costuma causar insegurança nos profissionais que atuam na instituição, sistematicamente, ocasionada pela falta de experiência sobre o transtorno e questionamentos sobre a capacidade de desenvolvimento e aprendizagem; entretanto, é preciso destacar que os compromissos relatados pelos estudantes com TEA nos campos de sociabilidade, comunicabilidade e conduta não as impossibilitam de apresentar suas características cognitivas (Santos, 2017, p. 17).

O ensino colaborativo ou coensino é um dos modelos de prestação de serviço de apoio no qual um professor comum e um professor especializado dividem a responsabilidade de planejar, instruir e avaliar o ensino dado a um grupo heterogêneo de estudantes. Tal modelo emergiu como alternativa aos modelos de sala de recursos, classes especiais ou escolas especiais, especialmente para responder às demandas das práticas de inclusão escolar de estudantes do público-alvo da educação especial, pois uma vez que o aluno deve ser inserido numa classe comum, todos os recursos dos quais ele pode se beneficiar tem que ir junto com ele para o contexto de sala de aula, incluindo entre eles o professor especializado (Mendes; Vilaronga; Zerbato, 2014, p. 45-46).

Tenente (2017) considera que educadores testemunham receio no que diz respeito à conduta instável dos estudantes com TEA e percebem-se decepcionados quando não notam modificações comportamentais positivas que proporcione avaliar se os métodos pedagógicos aplicados na rotina da sala de aula estão surtindo efeito na inclusão desses alunos com TEA. Em contrapartida, Schmidt (2017) ao verificar as pesquisas editadas sobre o assunto nos anos anteriores, considera um sentimento de inexperiência dos educadores para a prática junto com alunos diagnosticados com TEA. Em vista disso, efetuam adaptações pedagógicas compatíveis que facilitam o acolhimento do aluno com espectro autista.

Para os autores, as deficiências de formação inicial e falta de formação contínua geram insegurança e despreparo desses profissionais.

Bosa (2006) ao descrever sobre a conduta de crianças diagnosticadas com TEA, destaca que o estudo de suas ações é essencial para atividade de intervenção no convívio diário e ressalta a importância do coleguismo com as demais crianças na medida em que as interações sociais colaboram consideravelmente para o desenvolvimento cognitivo desses indivíduos com TEA.

A concepção da autora está em concordância com as teorias apresentadas por Vygotsky (1991), que ressalta a importância do ambiente e da convivência social no aprimoramento da criança. Segundo o autor, a absorção do conhecimento e da estruturação social da criança move-se pela companhia indispensável do outro, essa organização complexa é o resultado de uma atividade extremamente aprofundada nas conexões entre história pessoal e história coletiva (Vygotsky, 1991, p. 24).

Ao descrever o caminho de desenvolvimento das crianças neuro-divergentes que apresentam comprometimentos, Vygotsky (2011) destaca a necessidade de interação social para o desenvolvimento dos indivíduos com TEA, afirmando que na evolução psicológica e natural do aluno e no ambiente que o envolve, no exercício de comunicação em seu meio, é possível localizar todas as informações importantes para que se alcance o impulso próprio para o desenvolvimento cultural, mediante um processo fluido do desenvolvimento natural em direção ao cultural (Vygotsky, 2011)

Desse modo, Cunha (2019), ao descrever sobre os aspectos da inclusão de alunos com espectro autista, sugere que as mediações educacionais atribuídas a

esses estudantes, sejam orientadas não somente a sua formação acadêmica, mas também a sua construção social e humana.

É inevitável que o currículo exceda as convicções de déficit e transforme a atividade pedagógica rica em experimentos educativos no quadro humano. Modifique as necessidades do aprendiz em amor pelo fluxo de aprender e construir. Conceda-lhe independência e respeite sua personalidade. O caminho educacional está no aluno que desenvolve (Cunha, 2019, p. 53).

No que diz respeito à trajetória escolar dos estudantes diagnosticados com TEA, as pesquisas demonstram o aumento da quantidade de matrículas, ainda assim, afirmou que há dificuldades no cumprimento das diretrizes públicas que prescrevem a inclusão escolar.

Silva (2014) analisou o desenvolvimento de escolarização de estudantes com TEA e observou discrepâncias relacionadas à idade e ano escolar usado por esses estudantes e destaca a diferença de aprendizagem desses estudantes.

Nessa perspectiva, o descompasso da trajetória escolar desses estudantes com TEA indica que ainda não estão consolidadas as condições de acesso à rede regular de ensino mediante diretrizes públicas de inclusão. Desse modo, é necessário criar condições de garantias para que esses estudantes se desenvolvam nos âmbitos coletivo, cultural e profissional. Tais providências de afirmação da inclusão escolar dos estudantes devem abranger a participação não somente do educador, mas de toda a coletividade escolar e do núcleo familiar.

3.1.4 Questão escolar do estudante com TEA

Dificultar o debate da escolarização dos estudantes com TEA demonstra abranger o exercício de subjetivação destes estudantes em face das práticas de observação e cuidado que trilharam desde o ponto de vista assistencialista à patologização da anomalia, pois, muito antes da medicina e o estado abordá-las na recepção da assistência e das políticas públicas, as determinações impostas a estudantes com TEA se sintetizaram a estarem instaladas em instituições longe da família.

Já que o paciente está imerso no processo de vigília deveria então ter esse desempenho à sua familiaridade. Assim sendo, seria então necessário planejar uma medicina ligada ao estado que tivesse capacidade de exercer uma política permanente nesse sentido. Neste cenário, já compreendemos em que medida a história em números de pessoas com TEA ficaram em isolamento social. Contudo, as ações socioculturais para com o autismo, é assim, na contemporaneidade inserida no tecido social. Tais mudanças, atualmente utilizadas como mais perspicazes, foram possíveis atualmente, graças a um conjunto de subsídios sociais e políticas públicas. A execução de políticas públicas e legislações em geral, surgem, muitas vezes, pelo surgimento de movimentos sociais, etc. que se tornam modelos à medida que proporcionam transformações não somente do aspecto legal, necessitam questionamento próximo de concepções adaptadas socialmente. Conseqüentemente, a concepção de políticas públicas nacionais que se ligam a acordos e agendas internacionais surgem da combinação de múltiplas proposições, que se estabelecem desde a articulação de movimentos sociais de programas intersetoriais até a aquisição de indicadores que acabam por favorecerem na proposição de suas políticas públicas, ressalta, a lei 12.764 de 27 de dezembro de 2012. que implementa a política nacional dos direitos da pessoa com tratamento do TEA.

Cabe ressaltar que cada indivíduo com transtorno do espectro autista têm características peculiares que vão ao encontro das descritas pelo transtorno, porém podem se manifestar em cada pessoa de maneira diferente. sendo assim, há uma necessidade do professor ter um olhar observador das características, necessidades e potencialidades da criança que apresenta o transtorno, para que se possa mediar com efetividade o processo de ensino aprendizagem (Costa; Zanata; Capellini, 2018, p. 304).

Essas indagações crescem nos tecidos sociais novos espaços sócio-políticos com exceção das bases educacionais mencionadas, conforme, os núcleos familiares de pessoas com TEA retornaram produtivos e atuais enquanto agentes de modificações em estruturas e grupos sociais econômicos que se comprometem com a causa da economia e direitos dessas comunidades populacionais em especial instituições, associação de familiares com o desejo de

assistir pessoas com TEA, se configuram como coletivos essenciais para formulação de legislações que asseguram o direito das pessoas com TEA no Brasil.

É muito relevante trazer o diálogo que, subjacente a esses movimentos sociais que emergiram em locais ou distintos momentos, mas que trazem à tona, a fala, a pauta, a participação, a autonomia, e o exercício da cidadania das pessoas com TEA encontrando a noção de identidade.

Historicamente, ao se transformarem em pessoas não institucionalizadas, os indivíduos com TEA, tornaram-se cidadãos que provaram o sistema social, sanitário e institucional de cifras estruturantes, dominantes e normalizadas que os colocavam em dado momento no lugar de estigmatizadas e desviantes. Sejam coletivas ou individuais, o sujeito constitui a partir de ligações e contextos que reúnem sujeitos, justificando-se algum traço em comum.

Neste cenário, Faria (2017), Martino e Marques (2015) ao apontar que as identidades também se estruturam a partir da ideia de diferença, pois ela determina fronteiras para a identidade. Essas fronteiras podem ser extremas, modificando-se de acordo com as experiências do indivíduo, sobre considerações e sua trajetória de vida.

Nessas criações podemos identificar que ligados a concepção de identidade se estabelece também a impressão de se ter conhecimento a uma estrutura organizacional que ocorre à medida que, esses perfis ou marcadores de identitários apresentados no ambiente social definem grupos e consecutivamente os distingue de outros pontos.

Além disso, são tecidos enraizados de laços de pertencimento, fortalecendo a coesão e os vínculos afetivos.

De modo geral, a concepção de uma identidade coletiva possibilita o deslocamento de sujeitos para tomarem territórios simbólicos, em particular, ou a família com TEA protagoniza suas ações coletivas trazendo à superfície a relevância dos processos de ocupação de espaços.

Em especial, a lei 12.764 de 27 de dezembro de 2012, elabora a política nacional de proteção dos direitos das pessoas com TEA e determina diretrizes para sua concepção. Neste ofício, considera-se a pessoa com TEA enquanto pessoa com

deficiência. Para todos os efeitos legais dentre as diretrizes da política nacional de proteção dos direitos da pessoa com TEA ressalta-se a parcela da comunidade na elaboração de políticas públicas voltadas para as pessoas com TEA, e a pressão social da sua implementação social, monitoramento e avaliação (Brasil, 2012) nesta lei afirma-se o ingresso na educação como um dos direitos dos estudantes com TEA, em caso de comprovada necessidade, o estudante com TEA inserido nas classes comuns de ensino regular terá direito a um monitor especializado.

Atualmente, no sentido mais abrangente, outro marco legal é a lei brasileira de inclusão 13.246 de 6 de julho de 2015, conhecida como estatuto da pessoa com deficiência (conforme seu artigo primeiro) promover e garantir, em planos de igualdade, execução das liberdades e dos direitos fundamentais de indivíduos com deficiência, propondo-se a sua inclusão social e cidadania mediante algumas considerações verificamos que as políticas públicas afirmativas, mesmo em distintos períodos agregam para o ideal de que as chances sejam oferecidas igualmente, desde que conhecidos os níveis de diferença aptidões e possibilidades (Brasil, 2015).

A propagação das informações sobre o espectro autista, atualmente é uma das fundamentais ações das quais os núcleos familiares vêm atuando, assim como, a luta pela atenção e continuação de redes de amparo necessários à intervenções múltiplas disciplinares para o desenvolvimento do indivíduo no espectro autista.

O dia 2 de Abril é a data comemorativa da conscientização do autismo criada pela ONU em 2007. A data familiar é um momento do qual se determina um "território simbólico" que expõe lutas e memórias em benefício de pessoas com TEA.

Surgiu no Brasil, no estado do Distrito Federal, atribuindo um papel considerável na ação política dos núcleos familiares, pelos direitos de pessoas com TEA. É comemorado no dia 18 de junho, o dia mundial do orgulho autista, satisfatoriamente as comemorações em muitos países se tornam uma forma de afirmar a legitimidade das pessoas com TEA.

Seguramente os desdobramentos políticos e sociais desse movimento criaram extensos tópicos de estudo, que por muitas vezes necessitam de recortes muito próprios, sujeitos à variadas abordagens teóricas e epistemológicas.

Todo o conjunto de realizações juntamente nos processos de escolarização de agora em diante, enfatizarmos a educação inclusiva e seu crescimento como lugar do qual os estudantes com TEA podem, ao transpassar seu processo de escolarização, ser incluídos e se tornarem personagens do seu exercício de aprendizagem, tendo a chance de desenvolvimento de sua capacidade e autonomia.

Foi instituída, em 2008 a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI), que se representou em um documento orientador de execução e formação de políticas públicas de maneira a estruturar a educação especial na perspectiva da educação inclusiva, entendendo-a também na abordagem transversal do ensino, colaborando para o acesso e garantia do direito à aprendizagem que compõem os alunos no seu público-alvo (Brasil, 2008).

3.2 AVALIAÇÃO DE COLEÇÕES

A avaliação segundo Lancaster (2004, p. 2) deve normalmente considerar o princípio de que a biblioteca pode ser compreendida enquanto interligação entre os recursos informacionais acessíveis e a comunidade de usuários a ser atendida. "Portanto, qualquer avaliação a que a biblioteca seja submetida deve se preocupar em determinar que medida elas desempenham com êxito essa função de interface" (Lancaster, 2004). O método de avaliar coleções deve ser informado deste princípio, tendo em vista essa interface constitui, em última análise, as diretrizes institucionais e as necessidades da comunidade a que atende. Por isso, Figueiredo (1998, p. 97-98) diz que avaliar coleções de bibliotecas é, realmente, uma avaliação da sua metodologia de seleção, no entanto, segundo Figueiredo (1998, p. 134), "colocar a avaliação como parte integral do planejamento e tomada de decisão não é fácil", necessita olhar crítico e analítico do conjunto de profissionais em conexão com a biblioteca, agentes com especialização em estatística, dimensionamento, pesquisa e "aceitação firme dos resultados independente daqueles a quem estes resultados possam atingir" (Figueiredo, 1998, p. 134). Uma ampla bibliografia a respeito de métodos e metodologias para avaliação de coleções é sugerida por Figueiredo

(1998). Lancaster (2004) efetiva um exame profundo em vários destes métodos com vastos exemplos de pesquisas efetuadas para este fim, de maneira que a literatura reforça e estimula bibliotecários nessa atividade de avaliação de coleções. A literatura a respeito de métodos e técnicas de pesquisas é muito favorável para investigar conhecimentos abstratos e metodológicos para o campo de desenvolvimento de coleções. Lopes (2001) estabelece para aqueles que queiram adquirir métodos e técnicas de pesquisa com profundidade conforme os conselhos que seguem:

- a) elucidar que são procedimentos que podem ser utilizados no processo de avaliação de coleções;
- b) os recursos são restritos e as necessidades infinitas.

As orientações de Lancaster (2004) apresentam referencial teórico para os procedimentos de seleção e avaliação de acervos, efetivadas no ensino de Biblioteconomia, até o momento atual, o que fez com que se ampliasse a discussão a respeito de temas ligados à Formação e Desenvolvimento de Coleções, similar ao estudo de comunidade e a preservação e conservação de acervos.

A avaliação de coleções pode ser periódica, em separado, intensiva ou contínua, dependendo da decisão do administrador e deve constituir um elemento do planejamento e da tomada de deliberações. A avaliação pode exprimir uma aproximação pelo critério de uso da coleção ou pode ser considerada em relação a modelos e níveis de completude (Figueiredo, 1993, p. 99).

A Abordagem de "fatores de uso" parte da premissa de que o pretérito e o momento atual podem apontar o futuro, e isto é uma questão acolhida por vários pares. Critérios e condições para avaliação são expostos por muitos teóricos, como por exemplo, Nice Figueiredo (1998, p. 99) A utilização de fórmulas, como explanação estatística, exprime as fórmulas de Clapp-Jordan, Washington State, Califórnia State, Association of College and Research Libraries (ARL) e de Beasley para bibliotecas públicas (Figueiredo, 1998, p. 100).

O ponto de partida para o estudo de uso de uma coleção é o exame dos registros de circulação que podem ser tanto de operações manuais como resultantes de meios midiáticos; cada meio tem as suas vantagens e restrições que devem ser levadas em conta. Entre as investigações de uso são importantes os estudos de

McClelland, Fussler e Simon; e o de Trueswell (Figueiredo, 1993, p. 100). São consideradas observações sobre empréstimos e as consultas de usuários internos na biblioteca, em cotejo com o uso no Brasil e em países industrializados. Também se leva em consideração a utilização do Comte como instrumento de avaliação do uso de periódicos.

Das possíveis metodologias de avaliação de coleções de periódicos não se recomendam o seguinte: a utilização dos dados brutos não trabalhados, densidade do uso, contagem de citado, avaliação da lista da coleção de periódicos pelos leitores. Para a tomada de decisão de exclusão de assinatura deve ser levado em conta o fator custo-eficácia. Os estudos de disponibilidade de documentos se expressam em duas abordagens e igualmente são expostos pelo "teste de fornecimento de documentos" e o "estudo de disponibilidade na estante".

Ressalta-se que, mesmo que nenhum método seja apropriado, separadamente, cada metodologia se mostra mais efetiva quando complementada com um ou mais métodos. Evans recomendou a técnica de apresentação em 8 (oito) passos para avaliação de coleções. A segunda pauta do trabalho mostra sugestões para providências de revisão, desbastamento, remanejamento, descarte e armazenamento de materiais bibliográficos (Figueiredo, 1993, p. 100). Uma coleção deve representar as necessidades de informação dos usuários da comunidade, sendo que deve acompanhar as mudanças de demanda. Dessa forma, é necessário haver descartes, aquisições e atualizações para aprimorar a oferta e a acessibilidade das coleções (Figueiredo, 1993, p. 100).

A revisão da coleção deve se fundamentar em inúmeros critérios de relevância relativa e no consenso da comissão de pessoal da biblioteca considerada. O desbastamento e o remanejamento podem segmentar a coleção em várias camadas de acessibilidade em que se busca prever o modelo de uso futuro da coleção mediante a análise de utilização atualizada e pretérita (Figueiredo, 1993, p. 100).

A tomada de decisão de armazenamento em depósito deve levar em consideração a estimativa de diversos custos implícitos e também que os centros de informação ou de último recurso têm que suportar muitos títulos defasados e edições

já ultrapassadas, enquanto que a maior parte das bibliotecas deve efetuar revisão periódica de desbastamento da coleção (Figueiredo, 1993, p. 100-101).

Busca-se maior envolvimento em uma grande coleção, sendo que um programa de desbastamento poderá deixar a coleção mais atraente e manuseável pelo usuário. O fator mais importante para manter as obras na biblioteca pública é a demanda ampla da comunidade, enquanto que nas bibliotecas especializadas a preocupação é manter a coleção atualizada com as necessidades correntes de informação dos usuários, que se constitui em uma clientela homogênea.

As bibliotecas universitárias, devido à explosão da informação, tiveram que aceitar como impraticável a meta de possuir na coleção todo o conhecimento humano registrado. A busca de soluções mais adequadas a ponto fornecimento de serviços mais personalizados e do mais alto nível, com coleções descentralizadas. A vantagens e desvantagens em qualquer das soluções.

Já a biblioteca escolar desbasta a coleção com frequência para poder acompanhar mudanças no currículo e nos programas. Quanto a barreiras ao descarte, Evans relata interessante teste para o candidato bibliotecário que embora pareça pilhéria deve ser realmente considerado pois está relacionado com os condicionamentos emocionais e aspectos psicológicos que trazem reflexos no comportamento do profissional. O descarte explicado através de várias pesquisas e exemplos de como desacelerar a ocupação do espaço necessário aguardar da coleção e de que soluções podem ser adotadas quando o acervo principal teve a sua capacidade esgotada (Figueiredo, 1993, p. 101).

Algumas soluções são muito onerosas e outras, com maior número de microformas e descarte intensivo podem não ser interessantes para o usuário. A solução encontrada pela biblioteca da universidade de Purdue, com 500.000 volumes, é apresentada nas diversas fases de seu programa para rearranjo físico do interior do edifício. As diretrizes da ALA oferecem critérios para serem considerados pelos administradores de bibliotecas com relação a remanejamento descarte ou preservação de material são apresentados critérios de uso, valor, qualidade, leitura nas estantes e papeleta do livro, duplicação desejável, remanejamento para periódicos e material em deterioração. As técnicas de revisão de desbastamento podem ser orientadas pelas sugestões de Mosher e outras, inclusive pelos critérios

para remanejamento e descarte ou pelos modelos de armazenamento cooperativo para guarda de material de baixa demanda (Figueiredo, 1993, p. 102).

3.2.1 Metodologias para avaliação de coleções

A Avaliação pode ser vista sobre dois prismas: primeiro, uma pausa para se verificar onde nos encontramos. Seu esforço resulta, na maioria das vezes, em um relatório, o qual tem poucas chances de ocasionar mudanças de administração. Há ocasiões, contudo, quando um estudo separado é intensivo pode levar a ações imediatas, por exemplo, quando um novo diretor traça as suas diretrizes, ou quando surge algum problema de ordem emocional ou política, que deve ser esclarecido. A Avaliação, sob outro prisma, irá realmente obter resultados, deve ser incorporada como um processo contínuo, fazer parte da rotina do serviço. Colocar avaliação como parte integral do planejamento e tomada de decisão não é fácil. A avaliação contínua exige:

- a) visão crítica analítica por parte do pessoal e dos administradores, com relação aos trabalhos da biblioteca;
- b) elementos dentro da organização e capacidade em técnica de mensuração; e
- c) aceitação firme dos resultados da avaliação, independentemente daqueles a quem estes resultados possam atingir.

A avaliação depende, portanto, do administrador, e, é necessário a objetividade e segurança para desativar uma tarefa que possa vir a refletir, dias favoravelmente, a direção do administrador. Através dos anos de vida, várias abordagens têm sido aplicadas para avaliação de coleções. No passado, a abordagem mais comum era de avaliar a coleção em relação a algum tipo de "padrão externo", poderia ser um especialista do assunto, um grupo de especialistas, chamado para avaliar o conjunto ou alguma área limitada de assunto na coleção. Este padrão poderia ser também uma forma de lista de livros e periódicos recomendados para uma biblioteca de algum tipo, produzida por uma entidade ou um grupo com autoridade para isto.

Uma outra abordagem é estudar a quantidade e o tipo de uso feito da coleção em um período determinado, pelo exame das papeletas ou dos cartões do livro através de amostragem randômica. Ou ainda, fazer um estudo intensivo de todos os itens emprestados durante alguns meses. O objetivo deste método é tentar prejudicar o uso futuro pelo padrão de uso no presente no passado; tem sido demonstrado que o uso passado é uma boa previsão para o futuro.

Outra abordagem é a de se tentar avaliar a completude da coleção de uma biblioteca em alguma área específica de assunto. Para isto, seleciona-se vários livros recentes ou artigos de revisão sobre o assunto e agrupa-se as bibliografias associadas a esses livros/artigos para formar uma ampla bibliografia de fontes citadas correntemente pelos especialistas desta área. Esta bibliografia é, então, utilizada para avaliar a cobertura deste assunto na biblioteca.

Na avaliação de uma coleção devem ser lançadas questões relacionadas ao valor ou eficácia do uso feito dessa coleção:

- a) é a coleção ampla, variada, de autoridade, atualizada, suplementada por materiais básicos, monografias e periódicos, para estudos e pesquisas especializadas?
- b) Está coleção suficiente para campos especializados e técnicos de interesse e a instituição à qual a biblioteca está ligada?
- c) Está a coleção sendo expandida de maneira a preencher as lacunas, e desbastada eficientemente para mantê-la sólida e corrente?
- d) Está a coleção acrescida o bastante, em termos de títulos novos, para mantê-la a corrente com os avanços nos campos de interesse?

Desde que os objetivos da biblioteca estejam claros, deve-se tomar decisão a respeito dos métodos mais eficientes, de acordo com as razões existentes para realizar a avaliação. Na revisão de Bonn (1974) são debatidas exaustivamente as metodologias para avaliação de coleções; estas metodologias foram categorizadas em:

Tamanho bruto: Quantidade de livros: É uma contagem direta do total dos volumes na biblioteca ou dos livros de referência dos periódicos recebidos recentemente, ou do material não impresso; pode ser dividida em classes de

assuntos e podem ser relatadas por unidades. É geralmente aceito que tamanho significa “alguma coisa” e que há uma correlação positiva entre tamanho de uma biblioteca e, por exemplo, a excelência da instituição acadêmica a qual pertence. É também sentido que há uma relação definitiva entre o tamanho de uma dada coleção e sua capacidade de responder às necessidades de sua clientela expressa de sua em termos de probabilidade, e que a probabilidade será maior ainda se a coleção tiver sido inteligentemente selecionada por por profissionais bibliotecários competentes (Figueiredo, 1993, p. 78).

Volumes entrados por ano: É uma contagem direta por classes ou por unidade. Este dado é considerado mais significativo que a média de crescimento, e é usado em avaliação ao lado do tamanho bruto. “ O teste real é o número de volumes relevantes disponíveis a um leitor em cada tópico em cada biblioteca” (Figueiredo, 1993, p. 79).

Comparações: Dizem respeito a estudos feitos na mesma biblioteca em tempos diferentes ou entre bibliotecas comparáveis (em cidades ou instituições similares) ao mesmo tempo. Outros fatores sendo iguais, progresso ou melhoria numa biblioteca podem ser medidos pela mudança no tamanho da sua coleção total ou de certas partes dela, de um ano (ou de uma década) para outro. Tamanhos relativos de bibliotecas comparáveis indicam adequações relativas das suas coleções. Outros fatores são iguais. Uma suposição em tais comparações é que as bibliotecas comprem livros bons e ruins em proporções comparáveis, uma suposição válida o bastante para muitos propósitos particularmente se os bibliotecários profissionais competentes fazem a seleção (Figueiredo, 1993, p. 79).

Verificação de listas, catálogos e bibliografias: Periódicos Artigos: Essas listas incluem aquelas de títulos recebidos correntemente, títulos mantidos e encadernados, coleções retrospectivas, e aqueles listados em diretórios padrões ou outras compilações (por ex.: universal ou por assunto, língua, país, região, tipo de biblioteca, tipo de usuário) ou cobertos por serviços de indexação e resumos padrões ou especializados. Lancaster (2004), no capítulo 5 da sua obra já consideradas clássica, *the measurement and evaluation of library services* (1977), cobriu amplamente o assunto, classificando as metodologias como:

- a) quantitativas: Tamanho absoluto da coleção por categorias, tipo de material, área de assunto, data, língua, média do crescimento corrente e tamanho com relação a outras variáveis, inclusive número de volumes per capita e por item circulado; e gastos com a coleção, inclusive per capita e com relação ao orçamento total;
- b) qualitativas: métodos "impressionistas" (subjetivos), especialistas de assuntos, eruditos, bibliotecários; avaliação baseada em letras padrões ou coleções de outras instituições.

3.2.1.1 Metodologias qualitativas

Explicar quais métodos qualitativos serão utilizados (pelo menos dois), por que estes métodos são os mais adequados para a biblioteca em questão e como exatamente eles serão empregados.

Um método qualitativo é a seleção de materiais por critérios, tais como: a autoridade do autor e/ou editor - esse critério é importante para justificar a compra de um livro de determinado autor, sobre determinado assunto, em detrimento de livros de outros autores. Na determinação da autoridade de um autor são estudadas a sua biografia, currículo, conhecimento do assunto em questão, etc.

Outro critério importante é a **atualidade** (verificar a edição mais atualizada) do material. Por exemplo, na área do Direito, dependendo das alterações na legislação, as informações podem se desatualizar muito rápido. Então, para que os usuários não fiquem utilizando informações desatualizadas em seus estudos, processos, etc. é necessário que a Biblioteca disponha das obras mais atuais.

3.2.1.2 Metodologia quantitativas

Explicar quais métodos quantitativos serão utilizados (pelo menos dois), por que estes métodos são os mais adequados para a biblioteca em questão e como exatamente eles serão empregados

Um método quantitativo é a seleção de materiais por critérios, tais como: a escassez de material sobre o assunto na coleção. Há muitos assuntos decorrentes

de novas legislações que começam com pouco material na área, então, pode-se optar pela compra de determinadas obras, considerando que há pouco material disponível sobre aquele assunto.

Outro critério é o número de usuários potenciais do material - frequentemente estudamos a listagem, que é gerada a partir do sistema de empréstimo da Biblioteca, das obras mais consultas para determinarmos se uma obra em nova edição poderá ter um número maior de usuários potenciais do que outras.

Dentro da metodologia quantitativa para a avaliação de coleções em bibliotecas, dois métodos destacam-se pela sua eficácia e aplicabilidade: a análise de circulação e a análise de cobertura da coleção.

- a) **Análise de Circulação:** este método envolve o uso de dados de empréstimos e consultas para identificar os materiais mais populares entre os usuários. Ao analisar quais itens são mais frequentemente emprestados ou consultados, a biblioteca pode identificar tendências de uso e demandas dos usuários. Esta abordagem é particularmente útil para entender quais áreas da coleção estão atendendo às necessidades da comunidade e quais podem necessitar de expansão ou atualização. A análise de circulação será realizada por meio do sistema de gestão da biblioteca, que registra todos os empréstimos e consultas, permitindo uma avaliação precisa e atualizada do uso do acervo;
- b) **Análise de Cobertura da Coleção:** este método avalia a abrangência e profundidade da coleção em relação aos temas relevantes para a comunidade da biblioteca. Por exemplo, em uma biblioteca universitária, isso pode significar avaliar se a coleção cobre adequadamente os tópicos ensinados nos cursos oferecidos pela instituição. Para isso, serão utilizados critérios como a escassez de materiais sobre assuntos específicos, especialmente aqueles emergentes ou em evolução, como novas legislações ou avanços tecnológicos. Esta análise ajudará a identificar lacunas na coleção e direcionar a aquisição de novos materiais.

3.2.2 Periodicidade da avaliação

Diz respeito a quanto tempo a avaliação da coleção será realizada e quem são os responsáveis pela ação. A avaliação da coleção deve ser sistemática e compreendida como um processo útil para afirmar a importância e a adequação do acervo com os objetivos da instituição, possibilitando estabelecer critérios quanto à aquisição, à acessibilidade e ao descarte, sendo portanto, necessário ao bibliotecário ter conhecimento básico sobre a obsolescência na área.

Os métodos empregados para avaliar o acervo são quantitativos (tamanho, crescimento, verba orçamentária, estatísticas de uso da coleção) e qualitativos (julgamento por especialistas, análise do uso real). Após o cotejamento dos resultados, obtidos das análises, garante-se o atingimento dos objetivos da avaliação da coleção, como também alicerça-se um suporte aperfeiçoado para uma melhor qualidade da política de gestão do acervo.

A periodicidade da avaliação da coleção deve ser definida levando em consideração as necessidades específicas da instituição e as mudanças no perfil de seus usuários. Idealmente, essa avaliação deve ocorrer de forma regular para garantir que o acervo permaneça relevante e atualizado. Essa frequência pode ser ajustada conforme as tendências observadas no uso da coleção, os desenvolvimentos na área temática da biblioteca e os recursos disponíveis para gestão do acervo.

Responsáveis por essa avaliação geralmente incluem bibliotecários, com apoio de outros profissionais da instituição, como docentes e pesquisadores, no caso de bibliotecas acadêmicas, ou comitês de curadoria em bibliotecas especializadas. A participação ativa desses profissionais é essencial, pois eles possuem conhecimento especializado não apenas na gestão de bibliotecas, mas também nas áreas temáticas do acervo. Eles podem identificar tendências emergentes, mudanças nas necessidades dos usuários e novas publicações que devem ser incorporadas à coleção.

Além disso, a periodicidade regular da avaliação permite que a biblioteca responda de maneira proativa às mudanças no cenário educacional ou de pesquisa e às evoluções tecnológicas que afetam o acesso e a disseminação da informação.

Isso assegura que a coleção da biblioteca não apenas atenda às demandas atuais, mas também esteja preparada para futuras necessidades e desafios, alinhando-se assim com a missão e os objetivos estratégicos da instituição.

4 ANÁLISE DOS DADOS E RESULTADOS

Conforme pesquisa bibliográfica na Base de Dados do Pergamum da Rede Marista de Ensino, foi feita uma contagem direta do total dos volumes na biblioteca, artigos, audiovisual, periódicos e coleções, sendo que o acesso virtual constitui obviamente de material não impresso, que foram divididos em classes de assunto e relacionados às unidades.

Quanto às tabelas que informam o ano das publicações, foram feitas considerações a respeito do lapso de tempo entre algumas publicações, lapso o qual se teceu algumas reflexões quanto ao aspecto histórico e às questões relativas a uma presença rarefeita de publicações sobre autismo em determinadas épocas, levando em conta também questões de acessibilidade das crianças com TEA nos meios institucionais de ensino.

Também se levou em conta nas observações sobre as tabelas elementos relacionados às possíveis questões sociais que podem ter contribuído como barreiras para a efetividade da inclusão das crianças com neurodiversidade, porque a sociedade é excludente nessas várias formas de preconceito e discriminação.

A maior parte da bibliografia se direciona ao corpo docente, às famílias e rede apoio, e essa situação possivelmente se deve ao fato de o Transtorno de Espectro Autista se divide em três diagnósticos básicos, nível 1 ou “leve”, sendo que o indivíduo precisa de pouco suporte, nível 2 ou “moderado”, cujo suporte necessário é mais intenso e, nível 3, também dito autismo severo, o qual necessita de muito suportes, lembrando que muitas crianças no nível 1 de suporte possuem QI elevado e conseguem aproveitar a mesma bibliografia das crianças neurotípicas, enquanto que as crianças com TEA com níveis 2 e 3 de suporte em geral terão muito mais dificuldade para usufruir a bibliografia direcionadas à comunidade em geral.

Por último, a consideração final faz uma última referência à questão da proporcionalidade de livros em relação a outros tipos de publicações, mostrando que há uma priorização dos livros em relação aos outros meios.

Mesmo considerando a predominância do acervo da Rede de Biblioteca Maristas em relação ao autismo está diretamente atrelada ao trabalho docente,

mesmo assim, a coleção mostra-se insuficiente, pois foi realizada a comparação do acervo com uma lista autorizada pelo Ministério da Saúde (Brasil, 2023) evidenciando poucas relações entre as obras da lista e do acervo em comparação.

4.1 TAMANHO BRUTO

É uma contagem direta do total dos volumes na biblioteca ou dos volumes na biblioteca, ou dos livros de referência, dos periódicos recebidos recentemente, ou do material não impresso; podem ser divididas em classes de assunto e podem ser relatadas por unidades.

Quanto à quantidade de obras, a Base de Dados Pergamum da Rede Marista apresenta 141 livros, conforme consulta ao catálogo.

4.2 VOLUMES ENTRADOS POR ANO

Resultado de volumes dos anos de 2016, ano não definido, 2021, 2022 e 2023.

Tabela 1 - volumes entrados nos últimos 5 anos

Ano de publicação	Quantidade
2016	18
? (não definido) ²	5
2023	7
2022	10
2021	16

Fonte: Catálogo Pergamum da Rede de Bibliotecas Maristas.

Nota-se na tabela anterior, que houve um crescimento considerável de aquisição de publicações ao longo dos anos, partindo de 18 itens em 2016 e chegando a meros 7 itens em 2023.

² Não foi possível identificar o período no Pergamum.

Tabela 2 - volumes entrados nos anos de 2015 e 2017 a 2020.

Ano de publicação	Quantidade
2020	10
2019	16
2018	10
2017	10
2015	9

Fonte: Catálogo Pergamum da Rede de Bibliotecas Maristas.

Nota-se na tabela anterior que os volumes ficaram relativamente estáveis nesse quinquênio, com 9 ou 10 itens, com exceção do ano de 2019 quando se chega a 16 volumes.

Tabela 3 - volumes entrados pelos 5 anos anteriores a 2015 (de 2010 a 2014)

Ano de publicação	Quantidade
2014	10
2013	1
2012	5
2011	2
2010	2

Fonte: Catálogo Pergamum da Rede de Bibliotecas Maristas.

Nota-se na tabela anterior, que os volumes são números baixos nos primeiros quatro 4 anos, com menos de 6 volumes, somente alcançando um número máximo em 2014, com 10 itens.

Tabela 4 - volumes entrados pelos 5 anos anteriores a 2009 (de 2004 a 2008)

Ano de publicação	Quantidade
2008	2
2007	2
2006	2
2005	1
2004	1

Fonte: Catálogo Pergamum da Rede de Bibliotecas Maristas.

Nessa tabela anterior, há um crescimento ínfimo, com 1 volume nos dois primeiros anos e apenas 2 volumes nos três últimos anos do quinquênio.

Tabela 5 - volumes entrados por 4 anos anteriores a 2003 (1986, 1995, 1999 e 2002)

Ano de publicação	Quantidade
2002	1
1999	2
1995	1
1986	1

Fonte: Catálogo Pergamum da Rede de Bibliotecas Maristas.

Nota-se nessa tabela anterior, composta de apenas 4 anos espaçados, números baixos, com 1 volume em todos os anos, com exceção do ano de 2002, com 2 volumes.

Uma consideração que parece importante para ser evidenciada a respeito das 5 tabelas anteriores, é o fato de que a data mais antiga de publicação é 1986 (1 unidade), sendo que após essa data, somente mais de dez depois é que surgiram novas publicações, a saber, por exemplo, em 1995 (1 unidade). Esse lapso de tempo faz pensar num aspecto sintomático da sociedade, que historicamente deu as costas para pessoas com transtornos especiais, em função da cultura de bullying e de capacitismo, que fez com que as famílias mais abastadas encaminhassem as crianças e adolescentes para instituições especializadas, e as famílias mais pobres em contraponto não tivessem a força política para que o assunto fosse tratado nos meios institucionais, à quais elas pertencem.

Há nos meios acadêmicos correntes de pensamentos decoloniais que denunciam os diversos recortes de discriminações sociais, seja pelo racismo, pela classe social, ou mesmo pelo capacitismo que considera aspectos de neurodiversidade, porque a sociedade é excludente nessas várias formas de preconceito e discriminação. Daí se pode pensar, teoricamente, nos casos em que as discriminações se sobrepõem, quando imaginamos uma criança autista que também seja de família pobre e negra.

4.3 VERIFICAÇÃO DE LISTAS, CATÁLOGOS E BIBLIOGRAFIAS

O resultado da busca bibliográfica realizada no sistema Pergamum da Rede de Bibliotecas Maristas foi comparado à lista organizada pelo Ministério da Saúde para orientar profissionais na busca por informação (Brasil, 2023). Ao comparar a lista de referências bibliográficas da Base de Dados do Ministério da Saúde, lançando item a item na pesquisa da Base de Dados Pergamum, se encontrou apenas 2 (dois) resultados equivalentes, isto é, publicações com assuntos e abordagens semelhantes, mas de autores diferentes.

- a) DE MELLO, A. M. S. R. **Autismo**: guia prático. São Paulo: Associação de Amigos do Autista (ama), 2007. 104 p.
- b) SAÚDE DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z-1/s/saude-da-pessoa-com-deficiencia>. Acesso em: 25 mar. 2021.

Às publicações no 49 e 60 do site do Ministério da Saúde, na pesquisa pelo assunto “autismo”, respectivamente, “Autismo: guia prático”, de MELLO, A. M. S. R, e “Saúde da Pessoa com deficiência”, do site do próprio Ministério da Saúde, encontram-se na Base de Dados Pergamum, mediante à pesquisa pela mesma expressão “autismo”, publicações sobre os mesmos assuntos com os títulos de, respectivamente, “Transtorno do espectro autista: guia prático para familiares, professores e jovens com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade”, de Lisa Joseph, Latha Soorya e Audrey Thurm, e “Deficiência intelectual e síndromes infantis: caracterização e orientações”, de Wilson Candido Braga.

Sendo a Base de Dados Pergamum direcionada ao ensino Fundamental e Médio, incluindo Escolas Sociais, entende-se que a orientação das publicações não tenham o mesmo rigor e direcionamento científico necessário à base de Dados do Ministério da Saúde, esta última a qual deve contemplar o nível de exigência de profissionais de graduação, pós graduação e pesquisa científica.

Todavia, considerando a premência das questões ligadas à dignidade humana que envolvem a necessidade de inclusão e acessibilidade das pessoas autistas ao sistema de ensino regular, com o devido combate ao capacitismo mediante políticas públicas adequadas, pode-se alimentar a expectativa, sem o risco de excesso, de

que a Rede Marista de Ensino venha a assumir políticas internas de comprometimento com a ciência mais voltadas às políticas públicas do Poder Executivo, representadas pelo Ministério da Saúde e perfectibilizadas pelas referências bibliográficas constantes em sua Base de Dados disponível no site do próprio Ministério da Saúde.

Tabela 6 - Bibliografias

Séries	Quantidade
Prática Baseada em Evidências	1
Aventuras e travessuras na linguagem	1
Coleção Era uma vez um Conto de Fadas inclusivo	1
Cadernos Pandorga de Autismo	6
Ciranda das diferenças	1
Série desenvolvimento humano e práticas inclusivas	1
Toda criança pode aprender	1
Campo Freudiano no Brasil	1
Cientistas incríveis	1
Coleção Psicologia e Sociedade	1
Educação especial	1
Pais, tais & profissionais	1
Psicologia & sociedade	1
Psicologia, família, escola	1
Psicologia e neurociências	1
Psicopedagogia, educação especial e inclusão	1
Psiquiatria da infância à adolescência	1
Série de psiquiatria da infância à adolescência	1
Série educação especial	1

Fonte: Catálogo Pergamum da Rede de Bibliotecas Maristas.

Quanto à tabela anterior, pode-se dizer que os conteúdos das séries transparecem a bibliografia de apoio a toda a comunidade escolar, sejam as publicações destinadas aos alunos com espectro autista (ex. Coleção Era uma vez um Conto de Fadas inclusivo), aos professores que necessitam de apoio e formação (ex. Pais, tais e profissionais), aos pais de crianças autistas (ex.: Psicologia, família, escola) e igualmente aos psicólogos e psicopedagogos (ex.:Psicopedagogia, educação especial e inclusão) que podem fazer parte da rede de apoio

4.4 PERIÓDICOS

Quanto ao resultado da pesquisa sobre periódicos na Base de Dados Pergamum da Rede de Bibliotecas Maristas, obtém-se a quantidade de 4 artigos.

4.5 FILMES, VÍDEOS E DVDS

No que se refere à quantidade de DVD 's, em consulta ao Catálogo Pergamum da Rede de Bibliotecas Maristas, obtém-se a quantidade de apenas 1 DVD.

Uma questão que surge da análise da tabela anterior, é o fato da desproporção do número de livros (141) comparado com o número de artigos (4) e DVDs (1) disponíveis. A pergunta que se pode fazer é se a produção de ciência na forma de artigos científicos a respeito do tema autismo é pouca que enseja a menor quantidade, ou a sua produção de artigos é mesmo farta e biblioteca que optou por direcionar seu acervo dando prioridade aos livros.

4.6 MAPEAMENTO GEOGRÁFICO DAS ESCOLAS MARISTAS

Tabela 7 - Mapeamento por Unidades de Informação Porto Alegre

Unidade de Informação	Quantidade de itens
Porto Alegre	
Marista Assunção	7
Marista Champagnat	9
Marista Ipanema	7
Marista Rosário	34
Marista São Pedro	10
Marista Vettorello	3
Escolas Sociais da rede marista em Porto Alegre	
Marista Irmão Jaime Biazus	3
Marista Menino Jesus	1
Marista Renascer	1
Marista Tia Jussara	1
Escola de Educação Infantil Marista das Águas (Centro Social)	1
Escolas da Grande Porto Alegre (area metropolitana)	
Marista Pio XII (Novo Hamburgo)	23

Unidade de Informação	Quantidade de itens
Marista Graças (Viamão)	22
Escola social Marista São Marcelino Champagnat	7

Fonte: Catálogo Pergamum da Rede de Bibliotecas Maristas.

Observe-se na tabela anterior, que o número de escolas da Rede Marista na Grande Porto Alegre (6), quase se iguala ao número de escolas sociais (5), mostrando um certo equilíbrio entre a quantidade de escolas regulares de ensino e escolas sociais. No entanto, quando se observa a segunda coluna da tabela, chama a atenção a grande quantidade de itens da Escola Marista Rosário (34), escola frequentada por alunos de classe média alta. Em relação às outras escolas em regiões descentralizadas, percebe-se que o número de volumes pesquisados no acervo são mais baixos, apresentando números mais baixos ainda quando se tratam de escolas sociais.

Tabela 8 - Mapeamento por Unidades de Informação Interior do RS e Outras Locais

Unidade de Informação	Quantidade de itens
Escolas do Interior do Estado do Rio Grande do Sul	
Marista Aparecida (Bento Gonçalves)	21
Marista Roque (Cachoeira do Sul)	19
Marista Maria Imaculada (Canela)	4
Marista Medianeira (Erechim)	7
Marista Conceição (Passo Fundo)	8
Marista São Luís (Santa Cruz do Sul)	17
Marista Santa Maria (Santa Maria)	7
Marista Santo Ângelo (Santo Ângelo)	5
Marista São Francisco (Rio Grande)	21
Marista Sant'Ana (Uruguaiana)	15
Escola social no interior do Estado do RS	
Marista Santa Marta (Santa Maria)	2

Fonte: Catálogo Pergamum da Rede de Bibliotecas Maristas.

Na tabela anterior, há uma certa assimetria entre a quantidade de itens entre as escolas do interior, variando de 4 a 21, sendo que a única escola social do interior apresenta um número baixo (2). Na comparação das 2 tabelas anteriores, se vê que

há muito mais escolas sociais em Porto Alegre (5) do que no interior (apenas 1), mostrando um decréscimo do oferecimento de escolas sociais no interior.

Tabela 9 - Mapeamento por Unidades de Informação de outras unidades da Federação

Escolas em outros estados da Federação	
Marista João Paulo II (Brasília-DF)	12
Marista Santo Antônio (Mato Grosso)	1
Outras unidades de informação	
Audiovisual do Rosário	1

Fonte: Catálogo Pergamum da Rede de Bibliotecas Maristas.

Nessa tela anterior, percebe-se que Brasília, capital federal do Brasil, o número de itens (12) é bem maior que na outra escola de Mato Grosso (1).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente Trabalho de Conclusão de Curso apresentou um panorama detalhado sobre a disponibilidade e a qualidade dos materiais relacionados ao autismo nas bibliotecas da Rede Marista de Ensino. Através de uma metodologia que incluiu a análise da Base de Dados Pergamum, foi possível identificar tanto os pontos fortes quanto as lacunas existentes no acervo.

Os resultados obtidos revelaram uma variação significativa no número de materiais sobre autismo entre as unidades da rede, com uma concentração maior de recursos em escolas de áreas mais abastadas. Foi observado também que, apesar de um aumento gradual no número de publicações sobre o tema ao longo dos anos, ainda existem lacunas significativas, especialmente em relação à atualidade e diversidade do material disponível.

Esta pesquisa destacou a importância de um acervo atualizado e diversificado sobre autismo nas bibliotecas escolares, não apenas para informar a comunidade sobre o transtorno, mas também para servir como recurso para aqueles que vivem com o TEA e para os profissionais que trabalham com eles. A presença de materiais adequados e atualizados é essencial para apoiar a educação e a inclusão desses alunos.

A partir dos dados coletados e analisados, conclui-se que as bibliotecas Maristas possuem um acervo relevante sobre autismo, mas ainda há espaço para melhorias significativas, especialmente no que tange à atualização e diversificação dos materiais. Recomenda-se uma revisão periódica do acervo, com foco na inclusão de materiais mais recentes e abrangentes, além de uma maior atenção às necessidades das escolas sociais e unidades localizadas em regiões menos privilegiadas. Este trabalho contribui para a compreensão da situação atual do acervo sobre autismo nas bibliotecas Maristas e fornece diretrizes para futuras melhorias. Espera-se que as informações e análises aqui apresentadas possam servir de base para ações concretas que visem aprimorar o acervo e, conseqüentemente, o apoio educacional e informativo oferecido a indivíduos com TEA e à comunidade escolar em geral.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Caroline Martins de; ALBUQUERQUE, Karine. Autismo: importância da detecção e intervenção precoce. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, São Paulo, v. 1, p. 488-502, 2017. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/autismo>. Acesso em: 2 jun. 2023.

ANDRADE, Aline Abreu e; TEODORO, Maycoln Leôni Martins. Família e autismo: uma revisão da literatura. **Contextos Clínicos**, São Leopoldo, v. 5, n. 2, p. 133-142, 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cclin/v5n2/v5n2a08.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2023.

APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: (DSM-V)**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BOSA, Cleonice. Autismo: intervenções psicoeducacionais. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, São Paulo, v. 28, supl. 1, p. 47-53, 2006.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e altera o § 3º do artigo 98 da Lei nº 8.112, de 11 de novembro de 1990. Brasília, DF: Presidência da República, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acesso em: 22 ago. 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 22 ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (PNEEPEI)**. Brasília, DF: 2008. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/pneepei/>. Acesso em: 27 dez. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Referências bibliográficas: transtorno do espectro autista (TEA) na criança**. Brasília, DF, 2023. Disponível em: <https://linhasdecuidado.saude.gov.br/portal/transtorno-do-espectro-autista/referencia-bibliograficas>. Acesso em: 11 nov. 2023.

BRITO, Irma Fernanda Moreira. **A pessoa bibliotecária no letramento e atendimento à pessoa TEA: uma abordagem montessoriana**. 2022. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/directbitstream/75f9f88e-b5b7-43a6-85e1-39f3553bf249/tc4716-Irma-Brito-Pessoa.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2023.

CAMARGO, Sígla Pimentel Hoher; LONDERO, Angélica Dotto. Implicações do diagnóstico na aceitação da criança com deficiência: um estudo qualitativo.

Interação em Psicologia, Curitiba, v. 12, n. 2, 2008. Disponível em:

<https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/10207>. Acesso em: 30 dez. 2023.

CAMARGO, Sígla Pimentel Hoher; BOSA, Cleonice. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 65-74, 2009. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/s0102-71822009000100008>. Acesso em: 2 jun. 2023.

CAMPELO, Gabryelly; SARMENTO, Carla; CARVALHO, Veronice; MELO, Jacqueline; GIZELHA, Maria; LIMA, Lara; PORTELA, Milena. As dificuldades na inclusão de crianças autistas em sala de aula: uma revisão bibliográfica. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO CIÊNCIA E SOCIEDADE, 2019, Teresina. **Anais [...]**. Teresina: UNIFSA, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.17648/cbcs-2019-110625>. Acesso em: 11 nov. 2023.

COLÉGIO SÃO ROQUE. Inclusão: conhecendo para respeitar as diferenças.

Notícias, Cachoeira do Sul, 2 abr. 2019. Disponível em:

<https://colegios.redemarista.org.br/roque/noticias/inclus%C3%A3o>. Acesso em: 2 jun. 2023.

COSTA, Fernanda Aparecida de Souza Corrêa; ZANATA, Eliana Marques; CAPPELINI, Vera Lúcia Messias Fialho. A educação infantil com foco na inclusão de alunos com TEA. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, Santos, v. 10, n. 21, p. 294-313, maio/ago. 2018. Disponível em:

<https://periodicos.unisantos.br/pesquiseduca/article/view/592>. Acesso em: 2 jun. 2023.

CUNHA, Carmila Nascimento Alves da; PACHECO, Amanda Verçosa; ROBBIATI, Barbara Mafalda; AMARAL, Gabriela de Melo; CARVALHO, Larissa Oliveira Batista de. Uma revisão abrangente dos fatores genéticos e ambientais no desenvolvimento de transtornos do espectro autista. **Brazilian Journal of Health Review**, São José dos Pinhais, v. 6, n. 5, p. 24190-24199, 2023. Disponível em:

<https://doi.org/10.34119/bjhrv6n5-469>. Acesso em: 02 jun. 2023.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão escolar**: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. 8. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2019.

FADDA, Gisella Mouta; CURY, Vera Engler. O enigma do autismo: contribuições sobre a etiologia do transtorno. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 21, n. 3, p. 411-423, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v21i3.30709>. Acesso em: 2 jan. 2024.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. **Avaliação da coleção de referência nas bibliotecas**. Brasília, DF: Thesaurus, 1998.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. **Desenvolvimento & avaliação de coleções**. Rio de Janeiro: Rabiskus, 1993.

KANNER, Leo. Autistic disturbances of affective contact. **Nervous Child**, Baltimore, v. 2, p. 217-250, 1943. Disponível em: <https://autismtruths.org/pdf/Autistic%20Disturbances%20of%20Affective%20Contact%20-%20Leo%20Kanner.pdf>. Acesso em: 2 jan. 2024.

KLIN, Ami. Autismo e síndrome de Asperger: uma visão geral. **Revista Brasileira Psiquiátrica**, São Paulo, v. 28, p. 3-1, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/jMZNBhCsndB9Sf5ph5KBYGD/>. Acesso em: 30 dez. 2023.

LANCASTER, Frederick Wilfrid. **Avaliação de serviços de bibliotecas**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2004.

LEBOYER, Marion. **Autismo infantil: fatos e modelos**. Campinas: Papirus, 1995. (Educação Especial).

LIMA, Priscila Augusta de. **Educação inclusiva e igualdade social**. São Paulo: Avercamp, 2006. Disponível em: <http://bds.unb.br/handle/123456789/112>. Acesso em: 30 dez. 2023.

MENDES, Eniceia Gonçalves; VILARONGA, Carla Ariela Rios; ZERBATO, Ana Paula. **Ensino colaborativo como apoio à inclusão escolar: unindo esforços entre educação comum e especial**. São Carlos: UFSCar, 2014.

MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil. O acesso à informação pelas PNEEs com limitação visual através dos mediadores de leitura. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS, BIBLIOTECAS, CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO E MUSEUS, 2., 2006, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: FEBAB, 2006.

NASCIMENTO, Fabrício Crispim do; CHAGAS, Gardênia Santana das; CHAGAS, Francinaldo Santana das. As tecnologias assistivas como forma de comunicação alternativa para pessoas com transtorno do espectro autista. **Revista Educação Pública**, Santa Maria, v. 21, n. 16, maio 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/16/as-tecnologias-assistivas-como-forma-de-comunicacao-alternativa-para-pessoas-com-transtorno-do-espectro-autista>. Acesso em: 17 dez. 2023.

OLIVEIRA, Bruno Diniz Castro de; FELDMAN, Clara; COUTO, Maria Cristina Ventura; LIMA, Rossano Cabral. Políticas para o autismo no Brasil: entre a atenção psicossocial e a reabilitação. **Physis: revista de saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 707-726, jul./set. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312017000300017>. Acesso em: 17 dez. 2023.

OLIVEIRA, Eduarda Sampaio. **Autismo na escola: pontos e contrapontos na escola inclusiva**. 2015. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Curso de Pedagogia, Faculdade do Maranhão, São Luís, 2015.

Disponível em:

<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/autismo-na-escola-pontos-contrapontos-na-escola-inclusiva.htm>. Acesso em: 17 dez. 2023.

OLIVEIRA, Francisco Lindoval. Autismo e inclusão escolar: os desafios da inclusão do aluno autista. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 34, set. 2020.

Disponível em:

<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/34/joseph-autismo-e-inclusao-escolar-os-desafios-da-inclusao-do-aluno-autista><https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/34/autismo-e-inclusao-escolar-os-desafios-da-inclusao-do-aluno-autista>. Acesso em: 17 dez. 2023.

OPAS. Organização Pan-Americana de Saúde. **Transtorno de espectro autista**.

Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/transtorno-do-espectro-autista>.

Acesso em: 24 fev. 2024.

ORTEGA, Francisco. Deficiência, autismo e neurodiversidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, 2009. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/i/2009.v14n1/>. Acesso em: 17 dez. 2023.

PIECZKOWSKI, Tania Mara Zancanaro. **Inclusão de estudantes com deficiência na educação superior: efeitos na docência universitária**. 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2014. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/3480>. Acesso em: 21 fev. 2024.

REDE MARISTA. **Catálogo Pergamum**. [S.l.], 2023. Disponível em:

<https://bibliotecas.maristas.org.br>. Acesso em: 30 nov. 2023.

ROCHA, Maria da Penha Machado. **A socialização da criança autista na Educação Infantil: perspectiva do docente**. 2021. Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Faculdade Vale do Cricaré, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ivc.br/handle/123456789/1357>. Acesso em: 26 dez. 2023.

RODRIGUES, Rute. A revolução da neurodiversidade. **Canal Autismo**, [s.l.], 1 jan. 2023. Disponível em:

<https://www.canalautismo.com.br/artigos/a-revolucao-da-neurodiversidade/>. Acesso em: 26 dez. 2023.

ROPOLI, Edilene Aparecida; MANTOAN, Maria Teresa Eglér; SANTOS, Maria Terezinha da Consolação Teixeira dos; MACHADO, Rosângela. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: a escola comum inclusiva**. Brasília, DF: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Especial; Universidade Federal do Ceará, 2010. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7103-fasciculo-1-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 25 set. 2019.

SALLE, Emílio; SUKIENNIK, Paulo Berél; SALLE, Adriane Gonçalves; ONÓFRIO, Regina Fanfa; ZUCHI, Adrianna. Autismo infantil: sinais e sintomas. *In: CAMARGOS JR., Walter (coord.). **Transtornos invasivos do desenvolvimento: 3º milênio**. Brasília: Presidência da República, Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 2005. p. 11-15. (Coleção Estudos e Pesquisas na Área da Deficiência, 2). Disponível em: <https://www.fcee.sc.gov.br/informacoes/biblioteca-virtual/educacao-especial/cevi/241-transtornos-invasivos-do-desenvolvimento-3-milenio/file>. Acesso em: 26 dez. 2023.*

SAMPAIO, Renata Kelly Oliveira; FARIAS, Gabriela Belmonte de. Biblioteca escolar inclusiva: análise acerca do transtorno do espectro autista. **Brazilian Journal of Information Science: research trends**, Marília, v. 14, n. 3, set. 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/146027>. Acesso em: 19 jun. 2020.

SANTOS, Ana Maria Tarcitano. **Autismo: um desafio na alfabetização e no convívio escolar**. São Paulo: CRDA, 2008.

SANTOS, João Paulo Saraiva. Participação e satisfação de pais de crianças autistas com a escola: estudo exploratório. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 30, n. 58, p. 283-296, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/22253>. Acesso em: 27 dez. 2023.

SANTOS, Marcos Pastana; DINIZ, Cládice Nóbile. A inclusão dos usuários com transtorno de espectro autista pela prática do letramento informacional na biblioteca escolar. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 929-106, dez./mar. 2018. Disponível em: <https://revistaacb.emnuvens.com.br/racb/article/view/1413/pdf>. Acesso em: 17 dez. 2023.

SCHMIDT, Carlo. Transtorno do espectro autista: onde estamos e para onde vamos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 22, n. 2, p. 221-230, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/34651>. Acesso em: 27 dez. 2023.

SILVA, Mariana Valente Teixeira da. **Trajetórias escolares de alunos com Transtorno do Espectro Autista e expectativas educacionais das famílias**. 2014. Dissertação (Mestrado em Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação) - Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1624967>. Acesso em: 02 jun. 2023.

SOUZA, Andiara Cristina de; BENITEZ, Priscila; CARMO, João dos Santos. Diretrizes de acessibilidade de interfaces digitais para pessoas com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão integrativa de literatura. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 34, p. 1-21, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3131/313165836030/html/>. Acesso em: 02 jun. 2023.

VALLE, Tânia Gracy Martins do; MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi (org.). **Aprendizagem e comportamento humano**. São Paulo: Editora UNESP; Cultura Acadêmica, 2010.

Disponível em:

<https://static.scielo.org/scielobooks/ybbg4/pdf/valle-9788579831225.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2023.

WELLICHAN, Danielle da Silva Pinheiro; LINO, Carla Cristiane Tesaro Santos. A biblioteca escolar no contexto da inclusão: como oferecer e vivenciar experiências inclusivas nesse ambiente. **Biblionline**, João Pessoa, v. 14, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/40603>. Acesso em: 21 fev. 2024.

WEISSHEIMER, Gisele; MAZZA, Verônica de Azevedo; SANTANA, Julia Mazul; RUTHES, Victoria Beatriz Trevisan Nobrega Martins; FREITAS, Cibelly Aliny Siqueira Lima. Demandas de informações das famílias de crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, DF, v. 74, n. 5, e20200642, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0642>. Acesso em: 27 dez. 2023.

ANEXO A - ITENS RECUPERADOS NA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Itens recuperados na pesquisa bibliográfica: Autismo (Termo livre)

COLLEN, Alanna. 10% humano. Rio de Janeiro: Sextante, 2016. 287 p.

Localização: consultar

Localização: INFANTIL (AUDIOROS) - AMIGOS DO AUTISTA..

SERRA, Dayse. Alfabetização de alunos com TEA. Rio de Janeiro: E-nupes Editora, 2018. 152 p. (Alfabetização de alunos com TEA , 1).

Localização: 376 S487a 2018 (GRACAS)

SERRA, Dayse. Alfabetização de alunos com TEA. Rio de Janeiro: E-nupes Editora, Wak, 2019. 160 p. (Alfabetização de alunos com TEA , 3).

Localização: 376 S487a 2019 (GRACAS)

REFOSCO, Cristiano. Alice no País da Inclusão. 1 ed. Porto Alegre: Escritos, 2012. 20 p.

Localização: IJ R281a (ASSUNÇÃO)

BORGES, Adriana Araújo Pereira; NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães (Org.). O aluno com autismo na escola. 1. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2018. 318 p. (Toda criança pode aprender ; [1]).

Localização: 371.9 T633a 2018/1.ed. (ROSARIO)

ORRÚ, Sílvia Ester. Aprendizagem com autismo: aprendizagem por eixos de interesse em espaços não excludentes. 2. ed. atual. e ampl. Petrópolis: Vozes, 2019. 247p.

Localização: 371.94 O756a 2019/2.ed. (SAOPEDRO)

CARDOSO, Ana Amélia; NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães (org.). Atenção interdisciplinar ao autismo. Belo Horizonte: Ampla, 2021. 341 p.

Localização: 376 A864 2021 (SANT ANA)

PONTIS, Marco. Autismo

: o que fazer (e o que evitar fazer) : guia rápido para professores do ensino Fundamental.

Petrópolis: Vozes, 2023. 156 p.

Localização: 371.9046 P816a 2022 (SAOCHAMP)

BRAGA, Wilson Candido. Autismo: azul e de todas as cores - guia básico para pais e profissionais.

1. ed. São Paulo: Paulinas, 2019. 163 p.

Localização: 616 B813a 2019/1. ed. (GRACAS)

BRAGA, Wilson Candido. Autismo: azul e de todas as cores : guia básico para pais e profissionais. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2020. 163 p.

Localização: consultar

ROGERS, Sally J.; DAWSON, Geraldine; VISMARA, Laurie A.. Autismo: compreender e agir em família. Lisboa: Lidel, 2015. 323 p.

Localização: 618.928 R729a 2015 (APARECIDA)

ROGERS, Sally J.; DAWSON, Geraldine; VISMARA, Laurie A.. Autismo: compreender e agir em família. Lisboa: Lidel, 2015. 323 p.

Localização: 616 R729a 2015 (MEDIANEIRA)

CAVALCANTI, Ana Elizabeth. Autismo: construções e desconstruções. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. 149 p. (Clínica psicanalística)

MARCELINO, Claudia. Autismo: esperança pela nutrição : história de vida, lutas, conquistas e muitos ensinamentos. São Paulo: M books do Brasil, 2010. 296 p.

Localização: 616.8982 M314a 2010 (ROSARIO)

VOLKMAR, Fred R.; WIESNER, Lisa A.. Autismo: guia essencial para compreensão e tratamento. Porto Alegre: Artmed, 2019. 353 p.

Localização: consultar

KIRST, Nelson (org.). Autismo: habilidades sociais para adolescentes e adultos; orientações para lidar com questões comportamentais; bullying: um guia para familiares. São Leopoldo: Oikos, 2023. 40 p. (Cadernos Pandorga de Autismo , 9).

Localização: EDUCAÇÃO 376 C122 2023 (ROQUE)

SURIAN, Luca. Autismo: informações essenciais para familiares, educadores e profissionais da saúde. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2014. 147 p. (Psicologia & sociedade).

Localização: consultar

SURIAN, Luca. Autismo: informações essenciais para familiares, educadores e profissionais da saúde. 1. ed. São Paulo: Paulinas, 2017. 147 p. (Coleção Psicologia & Sociedade).

Localização: 618.9285882 S961a 2017/1.ed. (SAOFRANCIS)

LEBOYER, Marion. Autismo Infantil - fatos e modelos. 2. ed. Campinas: Papirus, 1995. 192 p.
(Educação especial)

DAWSON, Geraldine; MCPARTLAND, James C.; OZONOFF, Sally. Autismo de alto desempenho.
2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. 331 p.
Localização: EDUCAÇÃO 376 D272a 2020/2.ed. (ROQUE)

KIRST, Nelson (org.). Autismo e comunicação alternativa. São Leopoldo: Oikos, 2023. 24 p.
(Cadernos Pandorga de Autismo, 10).
Localização: EDUCAÇÃO 376 C122 2023 (ROQUE)

CLAUDIO ROBERTO BAPTISTA. ; CLEONICE BOSA (Org.). Autismo e educação reflexões e
propostas de intervenção. Porto Alegre: Artmed, 2002. 179 p.

CUNHA, Eugênio. Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família.
6. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2015. 135 p.
Localização: consultar

CUNHA, Eugênio. Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família.
7. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2017. 135 p.
Localização: consultarz

DACHEZ, Julie. A diferença invisível. São Paulo: Nemo, 2021. 191 p.
Localização: consultar

SANTOS, Idê Borges dos. Dificuldades acentuadas de aprendizagem- Autismo. 2. ed. Brasília:
MEC / SEESP, 2004. 64 p. (Saberes e práticas da inclusão; 3)
Localização: 37 S237d

HUDSON, Diana. Dificuldades específicas de aprendizagem: ideias práticas para trabalhar com
dislexia, discalculia, disgrafia, dispraxia, Tdah, TEA, Síndrome de Asperger, TOC. Petrópolis: Vozes,
2021. 247 p.
Localização: consultar

GOMES, Adriano. Do tamanho do seu mundo. Natal: M3 editora, 2018. 44 p.
Localização: 82-93-Azul G633d 2018 (JP11)

ARAÚJO, Fabiana Zanol; CHICON, José Francisco. Educação física e inclusão. Campos dos Goytacazes: 2020. 122 p. (Série desenvolvimento humano e práticas inclusivas , 1).

Localização: consultar

SIQUEIRA, Mônica Frigini; CHICON, José Francisco. Educação física, autismo e inclusão: resignificando a prática pedagógica. 1. ed. Várzea Paulista: Fontoura, 2016. 142 p.

Localização: consultar

KRAEMER, Graciele Marjana; GIORDANI, Liliane Ferrari; LOPES, Luciane Bresciani (org.). Educação inclusiva: tessituras do fazer pedagógico. 2. ed. Porto Alegre: Cirkula, 2021. 232 p.

Localização: 371.9 E24 2021/2.ed. (ROSARIO)

LOURO, Viviane. Educação musical, autismo e neurociências. Curitiba: Appris, 2021. 200 p. (Psicopedagogia, educação especial e inclusão).

Localização: 371.9 L892e 2021 (SAOCHAMP)

MURATORI, Filippo; LERNER, Rogério (Org.). Os enlaces do corpo e da escrita na criança e no adolescente. São Paulo: Instituto Langage, 2014. 381 p. (Aventuras e travessuras na linguagem).

Localização: 371 E57 2014 (PIOXII)

GOMES, Camila Graciella Santos; SILVEIRA, Analice Dutra. Ensino de habilidades básicas para pessoas com autismo: manual para intervenção comportamental intensiva. 2. ed. Curitiba: Appris, 2022. 212 p. (Educação, tecnologia e transdisciplinariedade).

Localização: 376 G633e 2022/2.ed. (GRACAS)

GOMES, Camila Graciella Santos; SILVEIRA, Analice Dutra. Ensino de habilidades básicas para pessoas com autismo: manual para intervenção comportamental intensiva. Curitiba: Appris, 2016. 215 p.

Localização: consultar

SILVEIRA, Analice Dutra; GOMES, Camila Graciella Santos. Ensino de habilidades de autocuidados para pessoas com autismo: manual para intervenção comportamental intensiva. 2. ed. Curitiba: Appris, 2022. 215 p. (Educação, tecnologia e transdisciplinariedade).

Localização: 376 S587e 2022/2.ed. (GRACAS)

GOMES, Camila Graciella Santos. Ensino de leitura para pessoas com autismo. Curitiba: Appris, 2015. 131 p.

Localização: 376 G633e 2015 (GRACAS)

GUIMARÃES, Viviani. Especial mente azul. Bauru: Boquinhas, 2016. 27 p.

Localização: consultar

MOREIRA, Mario Santos. Esquizofrenia infantil. Rio de Janeiro: Epume, 1986. 130 p. (Conceitos de biologia)

WHEELAN, Charles. Estatística: o que é, para que serve, como funciona. Rio de Janeiro: Zahar, 2016. 325 p.

Localização: consultar

WHEELAN, Charles. Estatística: o que é, para que serve, como funciona. Rio de Janeiro: Zahar, 2017. 325 p.

Localização: 519.2 W561e 2017 (SAOLUIS)

SEGATTO, c. FORA DE ALCANCE..

DILLON, Jayne. Os gatos nunca mentem sobre o amor. São Paulo: Universo dos Livros, 2013. 176 p.

Localização: consultar

TRAMONTE, Rodrigo. Humor azul: o lado engraçado do autismo. Florianópolis: Ed. do Autor, 2015. 95 p.

Localização: 741.5 T771h 2015 (JP11)

JOIA, Michele. A inclusão de crianças na escola: o papel do educador diante das dificuldades de aprendizagem. Rio de Janeiro: Wak, 2018. 111 p.

Localização: 371.9 J74i 2018 (PIOXII)

ZYLBERSTAJN, Henri. Joca e Dado: uma amizade diferente. Poços de Caldas: Leiturinha, 2021. [36 p.

Localização: 82-93-Azul Za 2021 (STOANTONIO)

WERNER, Andréa. Lagarta vira pupa: a vida e os aprendizados ao lado de um lindo garotinho autista. 2. ed. São Paulo: Vika books, 2018. 172 p.

Localização: 376 W492I 2018/2.ed. (SAOLUIS)

KLEIN, Cristina. Leo e a aceitação dos amigos. Blumenau: Blu Editora, 2019. 16 p. (Coleção autismo na infância).

Localização: R - IJ COMPORTAMENTO 82-93-Azul K64I 2019 (GRACAS)

SANTOS, Emilene Coco dos. Linguagem escrita e a criança com autismo. Curitiba: Appris, 2016. 183 p.

Localização: 376 S237I 2016 (GRACAS)

SOLOMON, Andrew. Longe da árvore: pais, filhos e a busca da identidade. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. 1050 p.

Localização: 362.4 S689I 2014 (APARECIDA)

SOLOMON, Andrew. Longe da árvore: pais, filhos e a busca da identidade. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 1050 p.

Localização: 362.433 S689I 2017 (PIOXII)

SOLOMON, Andrew. Longe da árvore: pais, filhos e a busca da identidade. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 1050 p.

Localização: 616 S689I 2019 (SANT ANA)

SOLOMON, Andrew. Longe da árvore: pais, filhos e a busca da identidade. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 1050 p.

Localização: consultar

SOLOMON, Andrew. Longe da árvore: pais, filhos e a busca da identidade. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. 1050 p.

Localização: 616 S689I 2022 (ROSARIO)

MELO, Jacob. Magnetismo humano. Catanduva: Vida e Saber, 2020.

Localização: 133.9 M528m 2020 (ROSARIO)

TEIXEIRA, Gustavo; PANEK, Richard. Manual do autismo: guia dos pais para o tratamento completo. 2. ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2016. 251 p.

Localização: 618.9285882 T266m 2016/2.ed. (ROSARIO)

TEIXEIRA, Gustavo. Manual do autismo: guia dos pais para o tratamento completo. 3.ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2017. 94 p.

Localização: 371.9 T266m 2017 - 3.ed. (PIOXII)

TEIXEIRA, Gustavo. Manual do autismo: guia dos pais para o tratamento completo. 7. ed. Rio de Janeiro: Best Seller, 2019. 94 p.

Localização: consultar

SERRA, Dayse. Matemática para alunos com transtorno do aspecto autista. Rio de Janeiro: E-nupes Editora, Wak, 2020. 112 p. (Matemática para alunos com transtorno do aspecto autista , 1).

Localização: 376 S487a 2020 (GRACAS)

GRANDIN, Temple. Uma menina estranha. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. 193 p.

GRANDIN, Temple. Uma menina estranha. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. 193 p.

Localização: 618.928982 G753m 2010 (ROSARIO)

MOSCA, Julia Finley. A menina que pensava por meio de imagens: a história da cientista Temple Grandin. São Paulo: nVersos, 2021. [48] p. (Cientistas incríveis , 1).

Localização: consultar

FERREIRA, Zilah Ramires. O menino azul e a família colorida. São Paulo: Contracorrente, 2020. (Do contra).

Localização: L I - Caixa Alta F383m 2020 (VETTORELLO)

BRIDI, Luciana. O menino e o sonho. Porto Alegre: AGE, 2016. 20 p.

Localização: consultar

VIANA, Viviane. O menino que cabia no abraço. São Paulo: Casa do Lobo, 2023. 32 p.

Localização: 028.5-Vermelho V614m 2023 (ROSARIO)

TAUBMAN, Andrea Viviana. O menino só. 1. ed. Rio de Janeiro: Escrita Fina, 2015. 36 p.

Localização: consultar

MESCHIATTI, Natasha. Uma mente diferente. 1. ed. Chandler: ABC multicultural, 2021. [30] p.

Localização: BI 376 M578m 2021 (SANT ANA)

MESCHIATTI, Natasha. Uma mente diferente. 2. ed. Rio de Janeiro: Tudo!, 2022. [28] p.
Localização: Mediação de leitura 82-93-Azul M578m 2022/2.ed. (STAMARIA)

BRITES, Luciana; BRITES, Clay. Mentas únicas: aprenda como descobrir, entender e estimular uma pessoa com autismo e desenvolva suas habilidades impulsionando seu potencial. São Paulo: Gente, 2019. 191 p.
Localização: consultar

MARQUES, Luís Henrique. Mergulhar no universo autista.. Cidade Nova, n.11 - 523 - nov.2009.

WERNER, Andréa. Meu amigo faz iiiii. São Paulo: CR8, 2017. [28] p.
Localização: consultar

AGUIAR, Lúbia. Minha filha.... Rio Grande: Clube dos Autores, 2011. 109 p.
Localização: 616 A282m 2011 (SAOFRANCIS)

HONORA, Márcia. O mundo de Leonardo. 1. ed. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010. 32 p.
(Ciranda das diferenças).
Localização: consultar

SILVA, Ana Beatriz Barbosa; GAIATO, Mayra Bonifacio; REVELES, Leandro Thadeu. Mundo singular: entenda o autismo. Rio de Janeiro: Fontanar, 2012. 287 p.
Localização: consultar

TABACHI, Dalva. Mãe, me ensina a conversar: vencendo o autismo com amor. Rio de Janeiro: Rocco, 2006. 93 p. (Pais, tais & profissionais).
Localização: consultar

SCARMIN, Adriana (Org.). Na teia do conhecimento. 1. ed. Passo Fundo: WERLANG, 2011. 224 p.
Localização: 37 N111 (CONCEIÇÃO)

TAMMET, Daniel. Nascido em um dia azul. 1.ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007. 190 p.
Localização: 37/159.9 T153n

ROTTA, Newra Tellechea; BRIDI FILHO, César Augusto; BRIDI, Fabiane Romano de Souza (org.). Neurologia e aprendizagem: abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2016. 331 p.

Localização: consultar

SANTOS, Emilene Coco dos. Linguagem escrita e a criança com autismo. Curitiba: Appris, 2016. 183 p.

Localização: 371.9 S237I 2016 (ROSARIO)

NINOMIYA, Masanori; NINOMIYA, Sonia. Nori e eu. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019. 90 p.

Localização: 376 N716n 2019 (SAOLUIS)

BLAKE, Quentin. Nós cinco. 1. ed. São Paulo: FTD, 2019. 31 p.

Localização: consultar

BLAKE, Quentin. Nós cinco. 1. ed. São Paulo: FTD, 2022. 31 p.

Localização: consultar

BERNIER, Rapahel A.; DAWSON, Geraldine; NIGG, Joel T.; GOERGEN, Maria Sonia. O que a ciência nos diz sobre a transtorno do espectro autista: fazendo as escolhas certas para seu filho. Porto Alegre: Artmed, 2021. 312 p.

Localização: EDUCAÇÃO 376 B528o 2021 (ROQUE)

ROBISON, John Elder. Olhe nos meus olhos: minha vida com a síndrome de Asperger. São Paulo: Larousse, 2008. 255 p.

Localização: consultar

DONVAN, John; ZUCKER, Caren. Outra sintonia: a história do autismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 659 p.

Localização: consultar

MAFRA, Jason Ferreira; SILVA, Marta Regina Paulo da (org.). Paulo Freire e a educação das crianças. 2. ed. São Paulo: BT acadêmica, 2020. 250 p. (Diálogos).

Localização: 372.3 P327 2020 (STOANTONIO)

HIGASHIDA, Naoki. O que me faz pular. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. 190 p.

Localização: EDUCAÇÃO 376 H634o 2014 (ROQUE)

KIRST, Nelson (org.). O que é autismo e como reconhecê-lo. São Leopoldo: Oikos, 2023. 27 p. (Cadernos Pandorga de Autismo , 6).

Localização: EDUCAÇÃO 376 C122 2023 (ROQUE)

GAIATO, Mayra; TEIXEIRA, Gustavo. O reizinho autista: guia para lidar com comportamentos difíceis. 2. ed. São Paulo: nVersos, 2019. 108 p.

Localização: consultar

GAIATO, Mayra; TEIXEIRA, Gustavo. O reizinho autista: guia para lidar com comportamentos difíceis. 3. ed. São Paulo: nVersos, 2019. 108 p.

Localização: 616 G137r 2019/3.ed. (MEDIANEIRA)

GAIATO, Mayra; TEIXEIRA, Gustavo. O reizinho autista: guia para lidar com comportamentos difíceis. 5. ed. São Paulo: nVersos, 2022. 108 p.

Localização: 376 G137r 2022/5.ed. (SAOLUIS)

GAIATO, Mayra Bonifacio; TEIXEIRA, Gustavo. O reizinho autista: guia para lidar com comportamentos difíceis. São Paulo: nVersos, 2018. 108 p.

Localização: consultar

GAIATO, Mayra. S.O.S. autismo: guia completo para entender o transtorno do espectro autista. 2. ed. São Paulo: nVersos, 2019. 254 p.

Localização: consultar

GAIATO, Mayra. S.O.S. autismo: guia completo para entender o transtorno do espectro autista. 5. ed. São Paulo: nVersos, 2021. 254 p.

Localização: 376 G137s 2021/5.ed. (SAOLUIS)

ESTANISLAU, Gustavo M.; BRESSAN, Rodrigo Affonseca (org.). Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber. Porto Alegre: Artmed, 2014. 277 p.

Localização: consultar

CAVACO, Nora; CAROLI, Andréa. Silêncios peculiares: aprendendo com Gui sobre autismo e mutismo seletivo. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2018. [32] p.

Localização: 155.4 C376s 2018 (PIOXII)

KIRST, Nelson (org.). Autismo/ um guia para a equipe escolar. São Leopoldo: Oikos, 2014. 31 p. (Cadernos Pandorga de Autismo , 5).

Localização: EDUCAÇÃO 376 C122 2014 (ROQUE)

NEVES, André. Tom. 1. ed. Porto Alegre: Projeto, 2012. [50] p

Localização: 028.5-Amarelo N518t 2012 (APARECIDA)

SILVA, Karla Fernanda Wunder da. Transtorno do espectro autista (TEA): mitos e verdades. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2020. 63 p.

Localização: consultar

SILVA, Karla Fernanda Wunder da. Transtorno do espectro autista (TEA): mitos e verdades. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2020. 63 p.

Localização: consultar

JOSEPH, Lisa; SOORYA, Latha; THURM, Audrey. Transtorno do espectro autista: guia prático para familiares, professores e jovens com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade. São Paulo: Hogrefe, 2016. 114 p. (Avanços em Psicoterapia: prática baseada em evidências).

Localização: 618.928588 J83t 2016 (ROSARIO)

MORETTI, Sonia. Transtorno do espectro autista: histórias terapêuticas para trabalhar com crianças. Novo Hamburgo: Sinopsys, 2015. 63 p.

Localização: 376 M845t 2015 (SANT'ANA)

LACERDA, Lucelmo. Transtorno do espectro autista: uma brevíssima introdução. Curitiba: CRV, 2017. 118 p.

Localização: 616 L131t 2017 (GRACAS)

FACION, José Raimundo. Transtornos Invasivos do Desenvolvimento e Transtornos de Comportamento Disruptivo. 1. ed. Curitiba: Ibpex, 2005. 148 p.

ROTTA, Newra Tellechea; OHLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudimar dos Santos (org.). Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017. 496 p.

Localização: consultar

ROTTA, Newra Tellechea; OHLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudimar dos Santos. Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2006. 477 p.

Localização: 37.015.3 R851t 2006 (GRACAS)

GÓMEZ, Ana Maria Salgado. Transtornos de aprendizagem e autismo: manual de orientação para pais e professores. Grupo Cultural, 2014. 576 p.

Localização: 37.015.3 G633t 2014 (IPANEMA)

SAMPAIO, Simaia; FREITAS, Ivana Braga de (Org.). Transtornos e dificuldades de aprendizagem: entendendo melhor os alunos com necessidades educativas especiais. 2. ed. Rio de Janeiro: Wak, 2014. 284 p.

Localização: consultar

ABREU, Cláudia Inês Pelegrini de Oliveira; AMARAL, Alison Vanessa Morroni; PANTANO, Telma. Treino de matemática para crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista. 1. ed. Santana de Parnaíba: Manole, 2022. 78 p. (Psicologia e neurociências).

Localização: 618.928 A162t 2022 (APARECIDA)

FABIANI, Ivanna. O universo pulsa. Rio de Janeiro: Verve, 2017. 280 p.

Localização: B869.3 F118u 2017 (ROSARIO)